

**CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPOS DE ANDRADE**

**MESTRADO EM LETRAS**

**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: TEORIA LITERÁRIA**

QUESTÕES DE IDENTIDADE EM *A DOÇURA DO MUNDO*  
DE THRITY UMRIGAR

**ADRIANE BERNECK CÔAS BENDLIN**

CURITIBA  
2014

**ADRIANE BERNECK CÔAS BENDLIN**

**QUESTÕES DE IDENTIDADE EM *A DOÇURA DO MUNDO*  
DE THRITY UMRIGAR**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre ao Curso de Mestrado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Verônica Daniel Kobs.

CURITIBA  
2014

## TERMO DE APROVAÇÃO

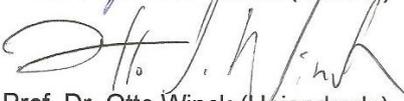
ADRIANE BERNECK CÔAS BENDLIN

### QUESTÕES DE IDENTIDADE EM *A DOÇURA DO MUNDO*, DE THRITY UMRIGAR

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Curso de Mestrado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE, pela seguinte banca examinadora:

  
Prof. Dra. Verônica Daniel Kobs (Orientadora - Uniandrade)

  
Prof. Dra. Edna Polese (UTFPR)

  
Prof. Dr. Otto Winck (Uniandrade)

Curitiba, 22 de agosto de 2014.



Aos meus pais, que me ensinaram a dar os primeiros passos ao encontro dos meus sonhos; ao meu marido, João Luiz, que esteve ao meu lado em todos os momentos dessa aventura, e aos meus filhos, Luiza e João Victor, minha maior riqueza.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que me deu forças e me conduziu pelos caminhos do conhecimento, para que eu pudesse chegar ao fim dessa jornada.

A toda minha família, pela paciência, pelo incentivo e amor a mim dedicados.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Verônica Daniel Kobs, que sinalizou meus erros e conduziu meu trabalho com competência e dedicação.

Aos professores da banca, Prof. Dr. Otto Wink e Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edna Polese, que com suas intervenções e sugestões de leitura orientaram a redação final de meu trabalho.

A todos os professores da Uniandrade que ministraram as disciplinas do curso de mestrado, propiciando o meu enriquecimento intelectual.

À amiga Prof<sup>a</sup>. Ms. Renilda Mara Florêncio, que fez a revisão de meu trabalho, contribuindo também com críticas e sugestões.

E, finalmente, aos meus queridos amigos, que não somente disponibilizaram livros e materiais diversos, contribuindo assim com minhas pesquisas, como também deram apoio e palavras de incentivo durante toda essa caminhada.

*“A Índia é um museu etnográfico e histórico. Mas é um museu vivo e no qual coincidem a modernidade mais moderna e arcaísmos que sobreviveram milênios. Por isso é uma realidade que é mais fácil enumerar e descrever que definir. Diante dessa diversidade, é legítimo perguntar: a Índia é realmente uma nação?”*  
(Octavio Paz, *Vislumbres da Índia*)

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES</b> .....	<b>vii</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>viii</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>ix</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>1 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO</b> .....	<b>10</b>
1.1 AS QUESTÕES IDENTITÁRIAS .....	10
<b>2 O ENCONTRO DO OCIDENTE COM O ORIENTE EM A DOÇURA DO MUNDO</b> .....	<b>28</b>
2.1 A ÍNDIA DE THIRTY UMRIGAR .....	29
2.1.1 A literatura indiana .....	35
2.1.2 A comida indiana .....	38
2.1.3 A vestimenta indiana .....	41
2.2 OS ESTADOS UNIDOS PELO OLHAR DA PERSONAGEM TEHMINA .....	43
2.3 A RELAÇÃO ENTRE ÍNDIA E ESTADOS UNIDOS .....	52
2.4 O DOCE ROMANCE DE THRITY UMRIGAR .....	61
<b>3 REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM A DOÇURA DO MUNDO</b> .....	<b>66</b>
3.1 A FIGURA DA MULHER E SUAS MÚLTIPLAS FACES .....	68
3.1.1 Lembranças de mulher .....	75
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>98</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>103</b>
Anexo A – Entrevista com Thrity Umrigar .....	103
Anexo B – Capas das edições dos romances de Thrity Umrigar .....	105

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mulher indiana vestida com um sári .....	41
Figura 2 – Mulher indiana vestida com um <i>salwar kameez</i> .....	42
Figura 3 – Mercado do produtor em Cleveland – Ohio.....	45
Figura 4 – Supermercado nos EUA, com frutas e verduras embaladas .....	47
Figura 5 – Trânsito de Bombaim .....	55
Figura 6 – Trânsito nos Estados Unidos .....	55
Figura 7 – Raj vestindo uma jaqueta curta, semelhante à vestida por Apu .....	58
Figura 8 – Apu em seu usual figurino.....	58

## RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo analisar o romance da escritora indiana Thrity Umrigar, *A doçura do mundo* (2008), com foco nas questões identitárias em processos de migração nas rotas Índia-Estados Unidos. Além disso, a representação do feminino será contemplada na figura da mulher oriental, com seus costumes, valores e comportamentos em choque com a cultura do Ocidente. O presente estudo será fundamentado em textos de renomados teóricos da contemporaneidade, os quais discutem questões de identidade cultural, centradas em fenômenos migratórios, e no gênero feminino, como: Stuart Hall, Zygmunt Bauman, Edward W. Said, Maria Elisa Cevasco, Antony Giddens, Kathryn Woodward, Elaine Showalter, Suzana Borneo Funk, Jane Flax e Tereza de Lauretis.

**Palavras-chave:** Thrity Umrigar. Literatura indiana. Identidade cultural. Feminino. Oriente. Ocidente.

## **ABSTRACT**

The present thesis aims to analyze the novel "If today be sweet" (2008), written the Indian American author Thrity Umrigar, with respect to identity issues in the migratory processes between India and the United States. Furthermore, the representation of the feminine figure will be discussed, contrasting the customs values and behavior of Oriental women to those upheld by women of the western world. The present study has its theoretical framework based on the works of renowned contemporary authors that dwell upon cultural identity, with a special focus on migratory processes and gender issues, such as Stuart Hall, Zygmunt Bauman, Edward W. Said, Maria Elisa Cevalco, Antony Giddens, Kathryn Woodward, Elaine Showalter, Suzana Borneo Funk, Jane Flax e Tereza de Lauretis.

**Key-words:** Thrity Umrigar. Indian literature. Cultural Identity. The femine figure. Oriental. Western world.

## INTRODUÇÃO

Em maio de 2008, quando desembarcou na ilha de Florianópolis, para participar da edição anual do festival literário da cidade, a escritora indiana Thrity Umrigar trazia em sua bagagem não somente um exemplar de seu mais recente livro, *A doçura do mundo* (Nova Fronteira, 2008), mas também o reconhecimento do público leitor, que havia transformado um de seus romances, *A distância entre nós*, em *best seller* no Brasil.

Assim como em livros anteriores da escritora, o então novo romance é uma narrativa de memória, em que Umrigar faz uma verdadeira viagem ao seu país de origem, a exótica e mística Índia, para expor uma sociedade de castas, fortemente marcada pelas diferenças sociais e permeada por uma visão estereotipada de sua cultura, em especial da figura feminina.

Nascida em Bombaim, atual Mumbai, Thrity Umrigar, que é parse<sup>1</sup>, mora nos Estados Unidos desde os seus 21 anos, para onde migrou com a finalidade de estudar Jornalismo. Atualmente ela vive em Cleveland, Ohio, e atua como jornalista de importantes veículos de comunicação, como: *Washington Post*, *Plain Dealer*, *Bostom Globe* e outros. Além disso, com PhD em inglês, leciona redação criativa e literatura na *Case Western Reserve University*.

A escritora dá às suas histórias de migração o sabor da Índia; são narrativas de memória temperadas com os condimentos da terra natal, cujos aromas e cores mexem com o imaginário popular ao redor do mundo. Segundo Umrigar, em uma entrevista concedida a Sujeet Rajan, do jornal *Indian Express*, disponibilizada na *homepage* da autora, escrever romances sobre a terra que deixou há mais de duas

---

<sup>1</sup> Indivíduo pertencente ao antigo grupo de persas zoroastristas que emigrou e se estabeleceu na Índia.

décadas é um desafio, considerados o tempo e a distância, mas que pode ser superado quando ela se propõe a discutir questões inerentes a toda a sociedade.

O maior desafio é sempre o mesmo: acertar na medida. Eu não vivo em Bombaim faz mais de vinte e três anos. [...] Então eu escrevo sobre coisas que sobrevivem ao tempo, coisas que dividem e separam as pessoas [...]. A jornalista em mim sabe da importância de ser precisa nos fatos e detalhes. Mas a romancista em mim sabe que as pessoas se voltam para a literatura não por fatos, mas por verdades universais (RAJAN, 2014, p. s/n).

Inserida na literatura pós-colonial indiana, a escritora anglófona teve uma formação europeia. Descendente de uma família burguesa, do ramo de tecidos, ela frequentou escolas inglesas em Mumbai, nas quais estudou música e literatura americana, o que contribuiu na sua formação como escritora. Na entrevista anteriormente mencionada, Umrigar revela a paixão pelos autores ingleses.

Eu amo Virgínia Woolf por combinar duas tarefas difíceis: criar personagens psicologicamente complicados e escrever sobre eles com uma linguagem linda e lírica. Eu amo Toni Morrison pela mesma razão [...]. Eu amo a delicadeza da linguagem de Fitzgerald (RAJAN, 2014, p. s/n).

No conjunto da obra da autora, verifica-se a temática recorrente da migração, do sentimento de estranhamento em terras estrangeiras e do preconceito racial. O fenômeno da transculturação e o conflito existencial, decorrentes de tal processo, estão presentes em diversos romances da escritora, que busca na história de seu povo inspiração para compor sua narrativa ficcional.

A obra *Bombaim Time*, traduzida para o português como *Um lugar para todos* (2001), pela editora Nova Fronteira, narra a vida de uma comunidade parse em um edifício chamado Wada, localizado em Bombaim. O casamento de Doramai imposto pelo pai, a separação do indiano Soli da namorada judia Mariam, a questão

do alcoolismo, vício da personagem Adil Patel, e a escolha dos jovens que vão para a Inglaterra e para os Estados Unidos em busca de outras culturas e novas experiências são alguns dos temas abordados em seu primeiro romance.

*First darling of the morning*, traduzido como *A primeira luz da manhã*, também pela editora Nova Fronteira, em 2004, é uma obra autobiográfica. A protagonista narra sua infância e adolescência em Bombaim até sua ida para os Estados Unidos. É o relato da menina parse de classe média que frequenta uma escola católica em uma cidade predominantemente hindu. Ela conta segredos íntimos da relação com seus pais, sobre sua vida escolar e as diferenças que ela via entre a sua terra natal e os Estados Unidos.

O romance *The space between us*, em português *A distância entre nós*, publicado em 2006 pela mesma editora, tornou-se a obra mais conhecida de Umrigar. Nela a autora retrata o choque cultural entre classes sociais, religiões e etnias dos habitantes de Bombaim. A narrativa está centrada nas histórias de vida de duas mulheres, Será e Bhima. Com essa obra, a escritora chegou a ser finalista do *Pen/Beyond Margin Award*.<sup>2</sup>

A obra *The weight of heaven*, traduzida como *O tamanho do céu* e editada pela Nova Fronteira, em 2009, também retrata o choque cultural na era da globalização. O romance aborda a história do casal americano Frank e Ellie, que perdeu seu filho de sete anos. Com a perda, o casal passa por várias crises até receber uma proposta de emprego na Índia. Frank e a esposa mudam-se e, no novo lugar, conhecem um menino, filho da nova empregada. Frank passa a vê-lo como se fosse seu filho já falecido. A história mostra as diferenças culturais e os conflitos enfrentados pelas personagens na tentativa de se adaptarem ao novo espaço.

---

<sup>2</sup> Concurso americano do programa de livros que estimula a diversidade étnica e racial na publicação de literatura (tradução minha).

Nesse mesmo ano, Umrigar ganhou o prêmio *The Cleveland Arts Prize*<sup>3</sup> pelo conjunto de sua obra.

O último romance de Umrigar, *The world we found*, traduzido no Brasil pela editora Nova Fronteira, em 2012, como *A redescoberta do mundo*, trata da história de quatro mulheres. Armanti, Laleh, Kavita e Nishta, são amigas e tomaram rumos diferentes em suas vidas. O romance ressalta o valor da amizade e o preconceito familiar com relação ao casamento entre castas diferentes.

Do conjunto da obra de Thrity Umrigar, destaca-se o romance *If today be sweat*, publicado no Brasil, em 2008, com o título *A doçura do mundo*, pela editora Nova Fronteira. O texto será objeto deste estudo e sobre ele serão tecidas considerações concernentes a questões identitárias, abrangendo as diferenças culturais entre Oriente e Ocidente, com destaque para a diáspora e a representação do feminino.

O romance inicia-se com um pensamento de Omar Khayyam que, assim como a escritora, é seguidor do zoroastrismo persa. Khayyam diz:

Ah, enche a Taça: - de que vale repetir  
Que célebre passa o Tempo sob os nossos Pés?  
Não nascidos no Amanhã e falecidos no Ontem,  
Por que nos afligirmos com eles, se o Hoje pode ser Doce? (UMRIGAR, 2008, p. 6).

Se o título fosse traduzido para o português literalmente, seria “Se hoje ser / é doce”, o que está em sintonia com o pensamento de Khayyam, que afirma o desejo de viver intensamente o presente sem pensar no ontem e nem mesmo no amanhã.

---

<sup>3</sup> O prêmio reconhece artistas do nordeste de Ohio pela significativa contribuição em *design*, música, dança, artes visuais e literatura. Disponível em: <[http://www.cleveland.com/arts/index.ssf/2009/05/cleveland\\_arts\\_prize\\_winners\\_a.html](http://www.cleveland.com/arts/index.ssf/2009/05/cleveland_arts_prize_winners_a.html)> Acesso em: 15 jun. 2014.

Logo depois do referido pensamento, o livro apresenta o prólogo. Nesse prólogo, a personagem Rustom, marido de Tehmina já falecido, fala com a esposa, na intenção de fortalecê-la. Ele relembra com saudades os entes queridos e se despede de Tehmina, de seu filho e do único neto. Rustom termina o prólogo exaltando a mulher por sua força e coragem, capaz de se tornar a escritora de sua própria história.

Tehmina vivia num apartamento em Bombaim, atual Mumbai, com seu marido Rustom. Após a morte dele, ela vai para a casa do filho Sorab, em Cleveland, EUA. Sorab, único filho do casal, mudou-se para aquele país ainda jovem em busca de um futuro melhor e lá se estabeleceu, casando-se com Susan, uma jovem norte-americana. O casal teve um filho, Cavas, apelidado pelos íntimos de Cookie.

Com a morte do marido, Tehmina sentiu-se perdida, pois, como a maioria das mulheres indianas, ela dependia de Rustom. Era ele quem tomava todas as decisões relacionadas à família, por isso Tehmina dizia não saber viver sem ele, depois de tantos anos ao seu lado.

Quando você tiver conhecido e amado o Sorab por tanto tempo quanto amei meu marido, saberá o que é sentir saudade de alguém de uma forma tão intensa, que é como se nossos próprios órgãos nos traíssem. O coração, a pele, o cérebro, todos se transformam em traidores. Tudo aquilo que pensávamos possuir descobrimos que era partilhado com a outra pessoa (UMRIGAR, 2008, p.14).

Esse sentimento de estar sendo traída percorre toda a narrativa. Tehmina perdeu seu marido, está em um novo ambiente, inserida em uma nova cultura. Ela observa sua nora e pensa nas diferenças existentes entre elas, as quais são percebidas em alguns aspectos físicos, como o tamanho das mãos, a maneira de olhar da nora, e também o modo de vestir dos americanos, a maneira de educar as

crianças, o pensamento consumista que impera na sociedade, até mesmo as mudanças que o filho Sorab sofrera depois de fixar residência nos Estados Unidos.

Tehmina, que nunca havia se imaginado longe de Bombaim, vê-se dividida entre sua terra natal e a terra em que seu único filho havia escolhido para morar. Ela precisava decidir se iria viver em Bombaim com os conhecidos de uma vida inteira ou em uma terra estranha, ao lado do filho, da nora e do neto.

A personagem contava ainda com a companhia da amiga Eva, com a qual se sentia mais à vontade para conversar e na qual confiava. Tehmina sentia-se acolhida por Eva porque ela também não pertencia ao grupo hegemônico. Eva era judia, característica que a separava da nora de Tehmina e dos norte-americanos em geral. Havia também Percy, o indiano que Tehmina ajudara a criar e que como advogado passa a cuidar do processo para torná-la uma imigrante legalizada nos Estados Unidos.

Em meio a todo o seu conflito existencial, Tehmina se envolve com o drama de duas crianças, Josh e Jerome, filhos de Tara, a vizinha de Sorab. Apesar de todos os pedidos da nora, para que ela não se envolvesse nos problemas familiares da vizinha, Tehmina ajuda as crianças, que são maltratadas pela própria mãe. Depois de denunciada, a mãe é colocada na prisão e os filhos ficam sob os cuidados de uma tia. A notícia saiu nos jornais locais, os quais relataram o ato de humanidade e solidariedade de uma senhora indiana. Tudo isso se passou próximo às festas natalinas, causando bastante alvoroço familiar, por se tratar de um período turbulento para a maioria das pessoas.

Ao longo do romance, as lembranças do marido povoam os pensamentos de Tehmina. Ela recorre constantemente à memória dele não somente para buscar forças e superar a perda do amado esposo, mas também para estabelecer um

modelo de conduta pessoal diante dos entraves que vão surgindo na sua nova vida. A sensação da presença do marido serve de conforto e, depois das longas conversas com ele, Tehmina encontra respostas para os dilemas do cotidiano ou até mesmo para resolver conflitos pessoais, como a decisão de permanecer nos Estados Unidos.

A resposta sobre a permanência de Tehmina nos Estados Unidos foi dada primeiramente à amiga Eva, a quem ela pede ajuda para aprender a dirigir. Tal pedido estava carregado de significado, pois demonstrava não somente a decisão de ficar nos Estados Unidos, junto a sua família, como também o renascer de uma mulher que, a partir daquele momento, tomava as rédeas de seu destino.

O presente estudo está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo, *Referencial teórico-metodológico*, compreende o item relacionado a questões identitárias. Como suporte teórico, são utilizados os textos de estudiosos contemporâneos que discutem sobre cultura, identidade e diáspora, como Stuart Hall, Kathryn Woodward, Maria Elisa Cevalco, Zygmunt Bauman, Edward W. Said e Antony Giddens.

O segundo capítulo, *O encontro do Oriente com o Ocidente em A doçura do mundo*, está subdividido em quatro itens, que apresentam o perfil cultural de cada um dos países que servem de espaço ficcional para o romance – Índia e Estados Unidos. Tais reflexões foram embasadas nos referenciais teóricos do sociólogo Richard Schaeffer, do prestigiado roteirista do cinema contemporâneo Jean-Claude Carrière e do geógrafo e jornalista João Avelar Lobato.

O primeiro item, *A Índia de Thrity Umrigar*, apresenta importantes elementos da cultura indiana, como a literatura, a comida e a vestimenta, aspectos esses decisivos na construção do drama ficcional de Umrigar.

No segundo item, *Os Estados Unidos pelo olhar da personagem Tehmina*, são traçadas considerações sobre o Ocidente, representado no romance pelos Estados Unidos, a partir da ótica oriental. Também é discutido o *status* adquirido pelo país em decorrência de sua força político-econômica no mundo.

O terceiro item, *A relação entre Índia e Estados Unidos*, aborda a associação entre os dois países, evidenciando-se a posição da Índia como ex-colônia britânica, em oposição aos Estados Unidos como espaço extensivo do elemento colonizador. Assim sendo, a cultura e os valores americanos são tidos como positivos e corretos, se comparados com os de um país emergente.

O último item do referido capítulo, *O doce romance de Thrity Umrigar*, trata do texto ficcional, que é articulado a partir do encontro de duas culturas díspares: a indiana e a norte-americana. Desse encontro, surgem os questionamentos, os medos e as angústias das personagens que compõem esse universo narrativo.

O terceiro e último capítulo, *Representações do feminino em A doçura do mundo*, discute as questões do feminino, situando a mulher na sociedade contemporânea e os papéis por ela desempenhados. Contribuíram para essas reflexões os estudos sobre o feminino das autoras Elaine Showalter, Susana Borneo Funk, Jane Flax e Tereza de Lauretis.

No primeiro item, *A figura da mulher e suas múltiplas faces*, são analisadas as personagens femininas, as quais figuram no romance como representantes de determinados grupos socioculturais femininos, como o dos norte-americanos, dos indianos e dos judeus.

No segundo item, *Lembranças de mulher*, são tecidas considerações sobre memória, enfocando as lembranças da personagem Tehmina como fio condutor do enredo.

É importante salientar, ainda, que a entrevista que consta dos Anexos, (Anexo I) e as imagens das capas dos romances (Anexo II) têm a finalidade de ilustrar assuntos específicos relacionados à produção literária de Thrity Umrigar.

## 1 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

### 1.1 AS QUESTÕES IDENTITÁRIAS

As transformações sociais verificadas no período após a Segunda Guerra provocaram, como um movimento em cadeia, a superação de conceitos e concepções de mundo até então hegemônicos. É nesse processo que a noção de cultura se modifica e, como afirma Maria Elisa Cevasco, em seu livro *Dez lições sobre Estudos Culturais*, “[...] uma de suas acepções de antes da guerra, a da distinção social, cultura como posse por parte de um grupo seletivo, começa a desaparecer e a dar lugar à preponderância do uso antropológico, cultura como modo de vida” (CEVASCO, 2003, p. 11).

A autora observa que, na década de 1950, Raymond Williams – que ela considera “figura central na fundação dos Estudos Culturais” – passa a incrementar o debate sobre cultura “[...] para demonstrar as conexões entre as diversas esferas e salvaguardar o conceito para um uso democrático que contribuísse para a mudança social” (CEVASCO, 2003, p.12). Estariam dadas, assim, as premissas embrionárias para a organização dos Estudos Culturais.

Com efeito, os Estudos Culturais tiveram início na Inglaterra, nos anos 50 e 60, no *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) da Universidade de Birmingham. E entre os precursores dessa corrente de estudos encontram-se Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Palmer Thompson. O desafio teórico daquele momento de formação dos Estudos Culturais consistia em “[...] refinar os modos de pensar a determinação da cultura pela base econômica” (CEVASCO, 2003, p. 66). Ainda de acordo com a estudiosa:

As condições de possibilidade de nova armação dos estudos culturais foram, entre outras, uma perspectiva tangível de mudanças radicais na estrutura social dos anos 1950-1960. Sustentadas pelo ciclo expansivo do capital no segundo pós-guerra, essas perspectivas embalaram a década revolucionária dos anos 1960, quando, em um mundo sacudido pelas revoluções libertárias no Terceiro Mundo e pelos movimentos de massa como os dos Direitos nos Estados Unidos e o CND (Campanha de Desarmamento Nuclear) na Grã-Bretanha, parecia que ‘nada seria como antes amanhã’ (CEVASCO, 2003, p. 68).

A partir de 1980, os Estudos Culturais expandiram-se para outros centros de estudos. Segundo Ana Carolina Escosteguy, “Os Estudos Culturais não se confinam mais à Inglaterra e Europa nem aos Estados Unidos, tendo se alastrado para a Austrália, o Canadá, a Nova Zelândia, a América Latina e também para a Ásia e África” (ESCOSTEGUY, 2006, p. 39).

Confirmando essa premissa, Lawrence Grossberg, em seu ensaio intitulado *Estudos Culturais: uma introdução*, diz que não somente a tradição britânica de estudos culturais, mas todas as tradições vieram “[...] identificar e articular as relações entre cultura e sociedade” (GROSSBERG, 1995, p. 15). Isso promoveu uma amplitude nos Estudos Culturais para com toda a sociedade. Para Cevasco (2003, p. 32): “Se as formas da cultura se engendram na sociedade não se pode entender nenhuma produção cultural, seja ela a criação de um sindicato ou de uma grande obra de arte, isolada de seu chão social”. Isso reforça mais uma vez o entrelaçamento dos Estudos Culturais com a sociedade, gerando um maior entendimento da cultura e da sociedade.

O pesquisador Stuart Hall, um dos principais estudiosos sobre os Estudos Culturais, define cultura nos seguintes termos:

A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu ‘trabalho produtivo’. Depende de um conhecimento da tradição enquanto ‘o mesmo em

mutação' e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse 'desvio através de seus passados' faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeito. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar (HALL, 2003, p. 43).

Nessa perspectiva, as várias categorias em que os Estudos Culturais têm atuado nas pesquisas, conforme Grossberg, são:

[...] o gênero, e a sensualidade, nacionalidade e identidade nacional, colonialismo e pós-colonialismo, raça e etnia, cultura popular e seus públicos, ciência e ecologia, política de identidade, pedagogia, política da estética, instituições culturais, política da disciplinaridade, discurso e textualidade, história e cultura global numa era pós-moderna (GROSSBERG, 1995, p. 08).

Nesta análise, faz-se relevante a área dos Estudos Culturais, que contribui para o estudo das identidades da sociedade, em um processo de mudanças sofridas por grupos que se deslocam e se confrontam com as diferenças culturais decorrentes desse deslocamento.

Ao fazer algumas reflexões sobre identidade, Hall afirma que o ser humano, inserido em uma cultura, carrega uma identidade não permanente, pois esta se adapta e se transforma no espaço cultural, surgindo, assim, um novo ser. Mais do que isso, cada indivíduo é um ser com mais de uma identidade e essas vão se modificando com passar do tempo. Esse processo de "ser" e "tornar-se" é determinante para a formação de novos sujeitos, novas identidades. O ser humano está sempre em mutação, levando sua bagagem e adquirindo outras, em ambientes novos, que sofrem transformações diárias. Com a globalização, os povos estão em processo migratório, construindo novas identidades a cada dia. A migração pode ser

efetiva ou virtual, o que aumenta as trocas e as negociações entre as pessoas e as diferentes culturas/identidades. Hall esclarece que:

As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera. Por todo globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes das antigas potências imperiais, e, de fato do próprio globo. Os fluxos não regulados de povos e culturas são tão amplos e tão irrefreáveis quanto fluxos patrocinados do capital e da tecnologia (HALL, 2003, p. 44).

No romance em análise, a personagem Sorab desloca-se para os Estados Unidos com o objetivo de estudar, adquirir conhecimentos e mudar de vida. Ele foi incentivado a estudar nos Estados Unidos pela própria família. Pelo fato de viver tanto tempo no país e incorporar a cultura do ambiente, Sorab não mais vê a Índia como via no tempo em que lá morava. O ritmo americano mudou seus pensamentos à medida que sua permanência nos Estados Unidos foi se prolongando.

Edward W. Said, em seu livro *Cultura e imperialismo*, diz que, apesar dos desmontes dos impérios clássicos, as características do imperialismo ainda permanecem, e este “[...] não virou de repente ‘passado’”, pois:

Toda uma herança de vínculos ainda liga países como a Argélia e Índia à França e Inglaterra, respectivamente. Um novo e imenso contingente de muçulmanos, africanos e centro-americanos dos antigos territórios coloniais agora reside na Europa metropolitana; mesmo a Itália, Alemanha e Escandinávia têm, hoje, de enfrentar esses movimentos populacionais, que em larga medida resultam do imperialismo e da descolonização, bem como da expansão da população europeia [...]. O triunfo dos Estados Unidos como a última superpotência sugere que um novo arranjo de linhas de força irá estruturar o mundo, e elas já começavam a se evidenciar desde as décadas de 1960 e 1970 (SAID, 2011, p. 432).

Said complementa esse raciocínio apontando que, entre as razões para essa permanência das “características marcantes da reapresentação das velhas desigualdades imperiais, a persistência do ‘antigo regime’ estaria o imenso abismo econômico entre Estados ricos e pobres” (SAID, 2011, p. 433). Como visto anteriormente, a personagem Sorab desloca-se para os Estados Unidos na perspectiva de uma vida melhor.

Em contrapartida, o romance traz a condição da personagem Tehmina. Ela sofre um deslocamento quase forçado, pois, com a morte de seu marido Rustom e com Sorab morando nos Estados Unidos, junto à mulher e ao filho, Tehmina ficaria somente com amigos e conhecidos na Índia; não teria mais nenhum parente. Então, ela enfrenta o conflito da escolha: viver na Índia rodeada apenas pelos conhecidos de muitos anos, em um ambiente familiar a ela; ou se transferir para os Estados Unidos, onde o filho havia se estabelecido, e começar uma nova vida, sem seu marido, em um lugar quase que desconhecido. No romance, Tehmina deixa clara a sua indecisão também em uma conversa com Percy. Ela comenta: “– Abrir mão da cidade em que nasceu, dos velhos amigos com quem cresceu, de um apartamento que se decorou, mobiliou e arrumou, tudo isso é muito difícil, *beta*” (UMRIGAR, 2008, p. 162).

O dilema de Tehmina entre abandonar o conhecido e enfrentar o estranho, o diferente, implicaria para ela em um imenso desafio de adaptação. Sobre isso são oportunas aqui as palavras de Zygmunt Bauman em seu livro *Identidade*:

Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer “natural”, predeterminada e inegociável, a “identificação” se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um “nós” a que possam pedir acesso (BAUMAN, 2005, p. 30).

No romance, as mudanças que ocorrem com Tehmina, a partir do momento em que chega aos Estados Unidos, são descritas com riqueza de detalhes. Ao refletir sobre tais mudanças, Tehmina consegue ver sua nova identidade nascendo. Ela confessa para si mesma que

Nunca se sentira tão livre em Bombaim como se sentia naquele continente. O simples ato de tomar um sorvete de casquinha na rua, sem ser seguida pelos olhos esfaimados de uma centena de crianças, era uma liberdade, um luxo que ela nunca havia experimentado nas ruas de Bombaim (UMRIGAR, 2008, p. 157-158).

Esse sentimento de liberdade expresso por Tehmina é reflexo da nova sociedade que passa também por um processo de transformação. A esse respeito, Bauman menciona Lars Dencik, que diz:

As afiliações sociais – mais ou menos herdadas – que são tradicionalmente atribuídas aos indivíduos como definição de identidade: raça... gênero, país ou local de nascimento, família e classe social agora estão... se tornando menos importantes, diluídas e alteradas nos países mais avançados do ponto de vista tecnológico e econômico. Ao mesmo tempo, há a ânsia e as tentativas de encontrar ou criar novos grupos com os quais se vivencie o pertencimento e que possam facilitar a construção da identidade (DENCİK citado em BAUMAN, 2005, p. 30).

Em seu livro *Modernidade líquida*, o sociólogo Zygmunt Bauman trata de um dos aspectos marcantes dessa sociedade, a liquidez, e observa que a sociedade vai se transformando de sólida para líquida porque “[...] os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade” (BAUMAN, 2001, p. 08). O autor acrescenta ainda a importância do tempo nessa transformação, pois: “Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo” (p. 08). Ele explica que os sólidos possuem suas dimensões espaciais e o tempo se torna irrelevante, enquanto os líquidos não se atêm à forma e estão constantemente prontos a se transformar.

Os fluidos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’ ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’: são ‘filtrados’, ‘destilados’; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho (BAUMAN, 2001, p. 08).

Tehmina sente-se com liberdade nos Estados Unidos e exprime a sua transformação de identidade. Para Bauman, “[...] libertar-se significa literalmente liberta-se de algum tipo de grilhão que obstrui ou impede os movimentos; começar a sentir-se livre para se mover ou agir” (BAUMAN, 2001, p. 23). E ele ainda esclarece: “[...] sentir-se livre significa não experimentar dificuldade, obstáculo, resistência ou qualquer outro impedimento aos movimentos pretendidos ou concebíveis” (p. 23).

Ao longo do romance, Tehmina busca por essa liberdade, sentir-se livre nos Estados Unidos. Isto é, ela passa por impasses com a nora, o filho, o neto, com a vizinha Tara, que a levam a refletir sobre seu passado na Índia, ao lado de Rustom, e o momento presente na casa do filho.

Essa liberdade que Tehmina busca vai ao encontro do significado de “tornar-se”, que, segundo Bauman, “[...] é a característica da vida moderna” (BAUMAN, 2001, p. 41). Reforçando esse pensamento, Tomaz Tadeu da Silva, que organizou *Identidade e diferença*, em seu capítulo *A produção da identidade e da diferença*, afirma que: “O processo de produção de identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la” (SILVA, 2014, p. 84). Por certo, para “tornar-se”, Tehmina precisa destituir-se de algumas das características de sua identidade e acrescentar outras. Essa adaptação ou (re)construção está em conformidade com os pressupostos de Bauman e de outros autores representativos na questão da identidade, pois não se pode esquecer de

que “[...] os seres humanos não mais nascem em suas identidades” (BAUMAN, 2001, p. 40).

A pesquisadora Kathryn Woodward menciona o processo de migração quando conceitua identidade. Segundo ela, “[...] a migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades” (WOODWARD, 2007, p. 21). Isso reforça a ideia de que existe uma pluralidade de sujeitos novos na sociedade. Sujeitos formados por uma fusão de culturas, o que faz lembrar a chamada “crise de identidade” definida por Hall. Em seu livro *A identidade em questão*, Hall escreve:

A assim chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2001, p. 07).

Com a modernização, o ser humano passa por um fluxo de informações diferenciadas, fazendo um processo natural de modificação das identidades.

Outro estudioso que reforça esse pensamento é Antony Giddens. Segundo ele, “[...] a modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência” (GIDDENS, 2002, p. 09). Com a modernidade, novos conceitos vêm tentar justificar e explicar as mudanças ocorridas na vida.

No romance, todas as personagens migrantes sofrem transformações advindas do deslocamento espacial. Algumas lutam para preservar suas identidades, mesmo inseridas em um novo ambiente cultural; outras tentam adequar-se, para usufruir melhor dos benefícios ofertados. O filho de Tehmina, Sorab, sofre mudanças de identidade logo que se estabelece nos Estados Unidos. Ele mesmo podia sentir as transformações que o novo ambiente causava nele.

Relembrava como era quando chegou e como se transformou, o que fazia nascer nele um sentimento de agradecimento ao país que o recebera:

Talvez essa tivesse sido uma das razões de ele fugir da Índia e trocá-la pelos Estados Unidos, para poder deixar para trás aquela pastosa suavidade da infância e se firmar como homem. E aquele novo país tinha sido bom para ele – endurecera-o, tornara-o competitivo, independente, ávido de progredir, obstinado em sua busca do sucesso. Havia liberado alguma coisa nele (UMRIGAR, 2008, p. 144).

Sorab mostra a pluralidade de identidades que ocorre em seu íntimo e as sucessivas mudanças que esse processo desencadeia. Ele reconhece essas modificações e conta das facilidades que a modernidade e o dinheiro lhe proporcionavam, diferentemente do que ocorria na Índia. O romance apresenta uma das lembranças de Sorab nos seus primeiros tempos nos Estados Unidos:

[...] sentira-se atormentado pela riqueza repentina que o havia tragado. No início, ele costumava andar pelas ruas do *campus* e se deslumbrar com o fato de poder tomar três Pepsis por dia sem pensar no preço; admirava-se por poder comprar um chevy usado, oito meses depois de chegar aos Estados Unidos [...] (UMRIGAR, 2008, p. 180).

O casal Homi e Perin Jasawala, que também viera da Índia e progrediu no novo ambiente, dá exemplos da mudança de identidade pela qual passou. Na festa que oferecem, esses anfitriões conduziram os convidados para conhecerem a casa nova. Tehmina, que fazia parte do grupo, pensa nas mudanças sofridas pelo casal: “Eles haviam embarcado em outro costume singularmente norte-americano – a exibição da casa nova” (UMRIGAR, 2008, p. 151).

Nem tudo, porém, aponta para a coexistência pacífica, sem perturbação. Alguns povos que migraram de outros países para os Estados Unidos sofreram e sofrem a marginalização, o preconceito. Logo no início da narrativa, Tehmina e sua

nora encontram Tara, a vizinha, que havia deixado seus dois filhos, Josh e Jerome, sozinhos em casa. Preocupadas com o bem-estar das crianças, Susan e Tehmina recolheram-nas e lhes deram comida. Quando Tara chegou e viu as crianças na casa de Susan, as duas discutiram. Em meio à discussão, Tara diz: “– Ei. Ei, fique fria, dona. Eu não quis dizer nada. Quer dizer, nem estava pensando em você ser casada com um estrangeiro... isso é problema seu, não meu” (UMRIGAR, 2008, p. 25). Tehmina sente nas palavras de Tara a intenção de menosprezar seu filho Sorab. Indiano que vem jovem para os Estados Unidos e ali se estabelece, ele faz parte de um grupo de minorias no país. Tehmina questiona-se sobre o preconceito que o filho e Susan possam ter sofrido: uma norte-americana casada com um indiano, uma pessoa que não fazia parte da maioria americana. Essa preocupação da personagem pode ser observada no trecho em que ela afirma:

Querida saber mais sobre esse tipo de racismo gratuito, se ele era muito comum e se Susan ficava vulnerável por ser casada com um homem de pele escura. E se era verdade que Susan havia sentido e experimentado esse racismo, isso por certo significava que Sorab, o seu Sorab – apesar das roupas bem passadas, das unhas bem cuidadas, do sotaque norte americano, do relógio de ouro, do bom emprego, dos muitos diplomas - também o havia sofrido (UMRIGAR, 2008, p. 25).

Embora, muitas vezes, falem um inglês perfeito, os imigrantes e suas famílias são julgados a partir de estereótipos e por isso sofrem hostilidade. Na sociedade multicultural, aqueles que são diferentes do grupo social dominante nunca são bem-vindos. Hall esclarece a diferença entre os termos “multicultural” e “multiculturalismo” no ensaio *A questão multicultural*.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Segundo Hall, “multicultural” é “[...] um termo qualificativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade ‘original’.” (HALL, 2003, p. 52).

No romance *A doçura do mundo*, são apresentados traços da sociedade multicultural nos Estados Unidos e também na Índia. Um exemplo disso é o momento em que Sorab leva a família para assistir à cerimônia de iluminação da árvore de Natal na *Public Square*. Tehmina sentia-se feliz por estar entre a multidão:

A multidão era formada por pessoas de todas as raças e cores, de todas as classes sociais, tanto assim que homens com sobretudos de fina lã trocavam pilhérias com os sem-teto que passavam o dia zanzando na *Public Square*, homens com sapato furados (UMRIGAR, 2008, p. 43).

Apesar de compartilharem o mesmo espaço, as diferenças sócio-culturais ficam evidenciadas quando os sem-teto são motivo de pilhéria daqueles que tinham melhores condições econômicas e por isso apresentavam-se vestidos apropriadamente.

Goldberg aponta que todas as sociedades multiculturais possuem uma característica em comum:

São, por definição, culturalmente heterogêneos. Eles se distinguem neste sentido do Estado-nação “moderno”, constitucional liberal, do Ocidente, que se afirma sobre o pressuposto (geralmente tácito) da homogeneidade cultural organizada em torno de valores universais, seculares e individualistas liberais (GOLDBERG, citado em HALL, 2003, p. 52).

Hall atenta para o fato de que o termo “multiculturalismo” é utilizado universalmente e que este ainda não foi definido com precisão. Para o referido autor, “[...] o multiculturalismo se encontra tão discursivamente enredado” e, por isso, “só pode ser utilizado ‘sob rasura’” (HALL, 2003, p. 52). E acrescenta ainda que o termo multiculturalismo refere-se “[...] às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais” (p. 52).

Em sociedades multiculturais, o preconceito acaba existindo e causando incidentes desagradáveis. O romance exemplifica alguns impasses que acontecem devido a essa junção, por intermédio das personagens criadas por Umrigar.

Esse processo de sociedades multiculturais vem se fortalecendo e se mostrando cada vez mais intenso. A migração e os deslocamentos de massa têm tornado as sociedades étnica e culturalmente mistas. De acordo com Hall, são vários os motivos que levam as pessoas a se mudarem: “desastres naturais, alterações ecológicas e climáticas, guerras, conquistas, exploração do trabalho, colonização, escravidão. Semi-escravidão, repressão política, guerra civil e subdesenvolvimento econômico” (HALL, 2003, p. 55).

Uma das consequências que as sociedades multiculturais enfrentam é o preconceito. Segundo o sociólogo Richard T. Schaefer, às vezes, o preconceito é resultante do etnocentrismo, que significa a tendência de as pessoas acreditarem que a sua cultura e a sua maneira de viver representam a norma ou são superiores às outras. Ele ratifica dizendo: “As pessoas etnocêntricas julgam as outras culturas por padrões de seu próprio grupo, o que leva ao preconceito em relação às culturas que elas consideram inferiores” (SCHAEFER, 2006, p. 245). O sociólogo apresenta também o racismo como outra forma de preconceito. Para ele, “[...] a crença de que uma raça é suprema e todas as outras são inferiores de forma inata. Quando o racismo prevalece em uma sociedade, os membros dos grupos subordinados geralmente estão sujeitos a preconceito, discriminação e exploração” (p. 245).

Um dos aspectos do racismo é exemplificado no romance com a atitude do neto de Tehmina, Cavas, chamado carinhosamente pela família de Cookie. A criança recebe de Sorab e Susan uma educação tipicamente americana. E ele, mesmo tendo sete anos de idade, reage tendo atitudes preconceituosas para com

sua própria origem indiana. Certa noite, Tehmina ficou em casa tomando conta do neto e ela o repreende por ainda estar acordado tarde da noite. Ela emprega uma expressão de sua língua gujarati, ao que o neto responde: “Meu nome não é Cavas – cantarolou. – Sou um menino americano e só entendo inglês” (UMRIGAR, 2008, p. 77). Tehmina tenta explicar ao neto que o pai dele é um indiano, então, ele também era um pouco indiano. E a criança responde: “Não, não sou – disse ele, batendo os pés. – Os indianos são velhos e falam esquisito. A mamãe diz que sou um menino americano típico” (UMRIGAR, 2008, p. 78). Nesse momento, fica claro que Cookie, por ainda ser uma criança, retrata os valores que recebe não somente dos pais no ambiente familiar, mas também daqueles com os quais convive, como professores e amigos. A mãe do menino, Susan, reforça as atitudes preconceituosas dele ao traduzir, em seus atos, o racismo impregnado em sua formação. Mesmo sendo casada com um indiano, ela apresenta um comportamento hostil em relação aos estrangeiros.

Para Tomaz T. Silva, a língua é um dos elementos essenciais na produção de identidade. Em suas palavras: “[...] a história da imposição das nações modernas coincide, em grande parte, com a história da imposição de uma língua nacional única e comum” (SILVA, 2005, p. 85). Pode-se, então, dizer que a língua é constitutiva da identidade e o “estranho” é aquele que não domina a língua local.

Outro momento em que o neto rejeita a origem indiana dá-se quando ele pede para a avó ler uma história para ele. Ela sugere o livro de Akbal e Birbal, que era uma história indiana que ela e Rustom lhe deram de presente. E o neto mais uma vez responde: “Não. Aquele livro é chato. Quero que você leia o *Noite longa*” (UMRIGAR, 2008, p. 81).

Em outra passagem do romance, há mais um episódio da rejeição do neto aos indianos. Tehmina diz ao neto: "Eu o amo tanto, que você faz parte do meu fígado" (UMRIGAR, 2008, p. 81). Ela percebe que a tradução desse sentimento do gujarati para o inglês ocasionou repulsa no menino. O neto responde: "Eca! – exclamou o menino. – Que nojo, vovó!" (p. 81).

Tehmina sente o desdém de Cavas por tudo o que era indiano, e isso faz com que ela também se sinta rejeitada. Ela sofre o preconceito por ser indiana, não estar inserida nos padrões americanos.

Tehmina cobra-se muito em relação ao comportamento diferente dos seus familiares. Ela se sente fora daquele mundo, daquela sociedade tão distinta da que ela vivera em Bombaim. Ela faz uma comparação entre o neto e o filho Sorab:

O filho dela tinha sido um perfeito menino indiano bonzinho, ao passo que seu neto era muito... qual era a palavra?... muito americano. Sim, essa era a melhor palavra para descrever Cavas. Tehmina nunca se sentia tão dolorosamente, tão excruciantemente indiana quanto ao se encontrar perto dele (UMRIGAR, 2008, p.81).

A mulher lembra-se da facilidade de Rustom em aceitar as mudanças ocorridas em sua família. Ele sabia participar da cultura do outro, respeitar os hábitos do outro, enquanto ela questionava tudo ao seu redor, comparando aspectos da cultura norte-americana com os de sua cultura. Tais atitudes demonstram que os valores culturais incutidos nela eram muito fortes para aceitar passivamente a nova vida nos Estados Unidos. Por isso que Tehmina, ao longo da narrativa, compara, relaciona os valores e hábitos culturais dos americanos aos que trouxera de sua amada terra natal. Ela tem o desejo de se libertar de suas raízes, porém luta contra a libertação.

Bauman, em seu livro *Identidade*, relata sua experiência quando foi homenageado com o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Charles, de Praga. Mantendo um antigo costume, pediram-lhe que escolhesse para aquele momento solene entre os hinos da Grã-Bretanha e da Polônia. Então, ele pôs-se a ponderar:

A Grã-Bretanha foi o país que escolhi e pelo qual fui escolhido por meio de uma oferta para lecionar, já que não poderia permanecer na Polônia, país em que nasci, pois tinham me tirado o direito de ensinar. Mas lá, na Grã-Bretanha, eu era um estrangeiro, um recém-chegado – não fazia muito tempo, um refugiado de outro país, um estranho (BAUMAN, 2005, p. 15).

No impasse, decidiu pelo hino europeu, decisão a que ele chamou de “simultaneamente ‘includente’ e ‘excludente’”. Então, ele esclarece:

Referia-se a uma entidade que abraçava os dois pontos de referência alternativos de minha identidade, mas ao mesmo tempo anulava, por pouco relevantes ou mesmo irrelevantes, as diferenças entre ambos e, assim, também, uma possível ‘cisão identitária’ (BAUMAN, 2005, p. 16).

Contudo, nem sempre é possível anular as diferenças. Daí porque a diáspora também faz parte dos inúmeros itens que colaboram para a análise do romance apresentada nesta dissertação. O processo diaspórico indica o deslocamento de grandes massas populacionais de uma determinada área para zonas distintas. Esse deslocamento pode ser forçado ou incentivado. Segundo Hall, a noção de diáspora é utilizada para mostrar como as identidades culturais se articulam na contemporaneidade. Para Hall (2003, p. 33), “[...] o conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Ele está fundamentado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um ‘outro’ e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora”.

Ainda de acordo com Hall (2003, p. 27), “[...] na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas”. Ninguém muda de um lugar para o outro sem ser afetado por tal mudança. Esses deslocamentos que o indivíduo sofre geram grandes mudanças, não somente externas, como nos trajes e na postura, mas também comportamentais e de valores. O romance nos mostra claramente as transformações ocorridas em suas personagens a partir do processo da diáspora.

Stuart Hall, ao citar o estudo de Iain Chambers, reforça a ideia de que o indivíduo vivencia seu presente carregado de lembranças colhidas de seu passado, e que tal experiência transformadora não tem volta.

Não podemos jamais ir para casa, voltar à cena primária enquanto momento esquecido de nossos começos e ‘autenticidade’, pois há sempre algo no meio (between). Não podemos retornar a uma unidade passada, pois só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente através de seus efeitos, isto é, quando este é trazido para dentro da linguagem e de lá embarcamos numa (interminável) viagem. Diante da ‘floresta de signos’ (Baudelaire), nos encontramos sempre na encruzilhada, com nossas histórias e memórias (‘reliquias secularizadas’, como Benjamin, o colecionador as descreve) ao mesmo tempo em que esquadrihamos a constelação cheia de tensão que se estende diante de nós, buscando a linguagem, o estilo, que vai dominar o movimento e dar-lhe forma. Talvez seja mais uma questão de buscar em casa aqui, no único momento e contexto que temos [...] (CHAMBERS citado em HALL, 2003, p. 27- 28).

Ao longo da narrativa, percebe-se que as personagens vão se transformando à medida que têm maior contato com a cultura e os valores locais. Tais mudanças são reconhecidas pelas próprias personagens e por elas são aceitas.

Em seus estudos sobre identidade, Hall discute a questão da globalização e suas influências sobre o indivíduo. Ele afirma que:

[...] quanto mais a vida se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos as diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha (HALL, 2003, p.75).

Isso revela que quanto mais numerosas são as experiências, maior será nossa bagagem e com ela nosso *eu* se mantém em constante mutação. Tal fato leva o ser a, em cada momento, acrescentar, diminuir, multiplicar e dividir a construção do *eu*, porque o *eu* está em processo acelerado e não mais em um ritmo lento. O autor conclui que, no mundo globalizado, as mudanças de identidade estão cada vez mais comuns por toda parte.

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado (HALL, 2003, p. 88).

Com essa evolução, os seres humanos estão tendo cada vez mais oportunidades de vivenciar novas experiências. Atualmente, jovens saem de seus lares e vão à procura de serviço, de estudo e adquirem novas culturas, novos hábitos. A população já não se contenta em se estabilizar; não há mais o desejo de se estabelecer num lugar fixo. O sujeito está em busca de novos horizontes, o que leva à união de culturas e à formação de novas identidades.

O referido fenômeno exposto por Hall é claramente perceptível no romance em análise, quando são identificadas as variações na identidade das personagens Sorab, Susan e Tehmina.

A personagem principal, Tehmina, mulher de cultura e tradição indianas, vivencia o fenômeno da diáspora. Ela nasceu na Índia, casou-se com um indiano e teve um filho, o qual também passa pelo processo da diáspora. O romance está centrado em Tehmina, uma viúva que precisa tomar a decisão de ficar ou não morando nos Estados Unidos. Ela sofre o luto da perda de seu marido e, conseqüentemente, muitas mudanças ocorrem. Acrescido a essa experiência, ela passa pelo processo de diáspora para, ao final, restabelecer sua identidade. Então, ela descobre que pode seguir sua vida com independência.

## **2 O ENCONTRO DO OCIDENTE COM O ORIENTE EM *A DOÇURA DO MUNDO***

Estados Unidos e Índia. Ocidente e Oriente. Colocar lado a lado uma das grandes potências mundiais e um país em desenvolvimento, a princípio, pode parecer estranho. Afinal, como comparar culturas tão díspares? É possível colocá-las em um mesmo patamar? No romance *A doçura do mundo*, a escritora de origem indiana, Thirty Umrigar, mostra uma teia de relações entre esses dois mundos tão distintos a partir de personagens que migram da Índia para os Estados Unidos. Nesse contexto, várias nuances culturais são apresentadas e discutidas, instigando, muitas vezes, a reflexão sobre diversas questões sociais, ideológicas, religiosas e culturais.

A era da globalização propiciou uma franca expansão econômica e cultural, nos quatro cantos do planeta, que culminou com mudanças significativas na vida das pessoas, como, por exemplo, maior acessibilidade e melhor interação social. A distância entre os países diminuiu e isso gerou maior conhecimento do todo. Em contrapartida, instaurou-se um processo de interdependência entre os países, facilitado pela tecnologia presente em um grande número de lugares, que viria culminar em diversas implicações de ordem político-econômico-social.

Em artigo veiculado pela mídia eletrônica, Luís Carlos Lopes discute o significado histórico-político do termo “globalização” e alerta para algumas questões concernentes ao tema. Segundo ele:

As grandes mídias tendem a reproduzir a ideia de que as relações internacionais globalizadas, tal como hoje estão construídas, são aspectos positivos de um destino promissor. Nada poderia ser feito para mudar isto. Resistir à globalização seria fazer rodar a história em direção contrária ao tão decantado e desgastado ideal de progresso. Os grandes veículos destacam o que consideram como necessidades para todos, mesmo que estas, de fato, atendam minúsculas parcelas do tecido social daqui e dos países mais ricos (LOPES, 2006).

Na busca por um lugar de destaque, as mais diversas comunidades representativas no cenário mundial empreendem esforços significativos, resultantes, muitas vezes, da exploração de grupos sociais menos privilegiados. Ainda de acordo com Lopes:

[...] a precarização das relações de trabalho e a diminuição de direitos sociais conquistados há décadas têm sido praticadas mundo afora. Obviamente, que nos países onde as condições políticas de reação social a tais medidas são mais fortes ou mais fracas, os resultados destas políticas são, respectivamente, menos ou mais graves. Globalizar tem significado, também, desregulamentar o Estado, investir menos em educação, saúde e cultura, transferindo para a sociedade tarefas que ela não consegue absorver com a qualidade necessária. Entregar os problemas e suas soluções a uma entidade fantasmagórica, denominada mercado, de modo total ou parcial, gerando novos conflitos e impossibilidades. Portanto, a globalização provoca inúmeros danos sociais de curto, médio e longo prazo (LOPES, 2006).

Atualmente, a ideia de modernidade funde-se à de cooperação. Porém, faz-se necessário construir relações mais equilibradas nos mais diversos planos entre as nações, de maneira que essas não estejam subordinadas a centros de poder econômico, político-militar e cultural, repetindo, assim, o velho modelo de colônia e metrópole.

## 2.1 A ÍNDIA DE THIRTY UMRIGAR

A Índia é considerada um dos países que mais despertam curiosidade, mexendo com a imaginação popular. Quando se pensa em Índia, vêm à tona os turbantes coloridos, as especiarias, os incensos, a diversidade humana, a religiosidade, os animais sagrados, os suntuosos templos, construções como Tah Mahah, o imenso Forte Vermelho, e outros monumentos de grande valor histórico-religioso. Para Carrière (2009, p. 07), “A Índia é um território sem outra referência

além dela mesma, o único grande império de outrora que se mantém, quase imperturbável, parecendo não depender de ninguém”.

O escritor comenta ainda que a Índia constrói sua história agregando épocas: “[...] elas integram-se umas às outras, inclusive a época nuclear e da informática, o que torna impossível falar de um ‘tempo passado’ de uma época encerrada” (CARRIÈRE, 2009, p. 07). Isso ocasiona um enraizamento nas pessoas e faz com que elas mantenham sua identidade através dos tempos. A cultura, o modo de vida e de pensar pouco se modificam. Por isso, seus hábitos e atitudes são tão ligados ao passado, preservando, assim, suas identidades e retardando a transformação do sistema. Na construção da história indiana, há um agrupamento de épocas. Tudo se soma para formar esse país impregnado de mistério e por isso encantador, onde os extremos e as diferenças convivem no dia a dia.

A Índia é um dos cinco países que compõem o agrupamento econômico intitulado BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), cuja formação inicial deu-se a partir de características econômicas comuns a todos os participantes. Os países Brasil, Rússia, Índia e China decidiram dar um caráter diplomático à expressão, na 61ª Assembleia Geral das Nações Unidas, propiciando não somente a realização de ações econômicas coletivas, como também maior comunicação entre eles. Os países formadores do referido grupo apresentam constante crescimento econômico, destacando-se pelas suas riquezas nacionais e condições de exploração.

Nasceram na Índia quatro das maiores religiões da atualidade: o Hinduísmo<sup>5</sup>, o Budismo<sup>6</sup> e o Sikhismo<sup>7</sup>, somadas ao Jainismo<sup>8</sup>. Segundo o censo de

---

<sup>5</sup> Uma das mais antigas religiões, teve sua origem em 1500 a. C. Seus adeptos acreditam em vários deuses, como Shiva ou Vishnu, na reencarnação ou no renascimento perpétuo da alma após a morte (SCHAEFFER, 2006, p. 334).

2011, os hindus representam 81% da população; os mulçumanos constituem 13%, seguidos pelos cristãos, sikhs e outros com 2% cada.

Da Índia vêm os conceitos de “carma” e “reencarnação”, que se espalharam pelo mundo. O Hinduísmo, religião que possui o maior número de adeptos na Índia, está baseado nos livros sagrados denominados *Vedas*, que apresentam o sistema de castas. Os hindus acreditam que esse sistema possibilita uma sociedade mais harmoniosa, em que os indivíduos conhecem seus direitos e deveres para seguirem uma regrada vida profissional, social e familiar. Para muitos tal divisão causa injustiças sociais e incita preconceitos.

O sistema de castas divide a sociedade em quatro grupos principais: os brâmanes, sacerdotes religiosos e nobres; os xátrias, guerreiros; os vaixás, comerciantes e os sudras, que são os camponeses, artesãos e operários e por isso são em maior número. Há ainda uma quinta classificação que é a extracasta, cujos representantes são chamados de dalits e conhecidos como “os intocáveis”. Os dalits são as pessoas excluídas das castas, aquelas que não possuem nenhuma casta. Essas têm a incumbência de realizar os mais deploráveis trabalhos, aqueles ofícios rejeitados pelos indivíduos que integram alguma das castas.

A principal característica do sistema de castas é a segregação social, que determina a função e posição das pessoas na sociedade indiana. Apesar de o governo indiano não admitir, o sistema de castas ainda está muito presente na sociedade. A constituição da Índia de 1950 aboliu formalmente a discriminação das

---

<sup>6</sup> Sistema religioso fundado por Buda (Siddhartha Gautana) no século VI a. C. Sua origem está na doutrina hindu e por meio da meditação seus seguidores lutam para superar desejos egoístas de prazeres físicos ou materiais, com o objetivo de atingir um estado de esclarecimento, ou *nirvana* (SCHAEFFER, 2006, p. 334).

<sup>7</sup> Religião fundada por Baba Nanak que tinha por objetivo difundir uma crença que fosse a fusão entre o Islamismo e o Hinduísmo. Seus seguidores acreditam que exista um carma nas vidas atuais (ALMANAQUE ABRIL, 2014a, p. 138).

<sup>8</sup> Religião fundada na Índia no século VI a. C. por Mahavira. Os jainistas não acreditam em Deus; para eles os únicos seres sobrenaturais são os tirtancaras (aqueles que conseguem vencer o ciclo de reencarnações) (ALMANAQUE ABRIL, 2014a, p. 137).

peças devido à casta, porém o sistema prevalece até hoje, porque não está fundamentado na lei, mas em costumes religiosos.

Outro aspecto importante na cultura da Índia é a questão do casamento arranjado. Ainda hoje, é comum os casamentos serem feitos sem nenhuma relação de sentimento entre os noivos. O objetivo do casamento é atender aos interesses econômicos e sociais da família.

A cidade de Mumbai, anteriormente conhecida como Bombai, mudou seu nome oficialmente em 1996. Segundo o Censo de 2011, a população de Mumbai ascende a 12.479.608 habitantes. Mumbai é a capital do estado de Maharashtra, o segundo estado mais populoso da Índia, depois de Uttar Pradesh, e o terceiro estado com maior área. Ela se situa na costa ocidental da Índia, ao longo do mar Árábico. Carrière (2009, p. 38) afirma que “[...] nenhuma cidade indiana é tão misturada quanto essa, e cada comunidade conserva com frequência seus costumes e seus hábitos”.

Conforme já dito, a Índia é resultante de uma fusão de culturas, pois nela encontram-se inúmeras tendências ideológicas e religiosas: hinduístas, parses, judaicas, cristãs, mulçumanas, budistas, jainistas e ciganas. No romance, a família de Tehmina é parse. Na Índia, os parses são os seguidores de Zoroastro ou Zaratustra. Zoroastro foi um profeta filósofo nascido na Pérsia, no século VI a. C. A doutrina de Zoroastro é um sistema religioso-filosófico monoteísta, ancorado na contradição dualista, a do bem e do mal, inerentes em todos os elementos do universo. No Zoroastrismo, acredita-se em um único deus, Ahura Mazda. Segundo a doutrina, Ahura é o criador e guia absoluto do universo. Dessa divindade suprema emanam seis espíritos, os *Amesas Spenta* (Imortais Sagrados), que auxiliam Ahura Mazda a realizar os seus designos. Os seis espíritos são: *Vohu Mano* (Espírito do

Bem), *Asa-Vahista* (Retidão Suprema), *Khsathra Varya* (Governo Ideal), *Spenta Amaiti* (Piedade Sagrada), *Haurvatat* (Perfeição) e *Ameretat* (Imortalidade). Os seis espíritos, aliados a Ahura Mazda, enfrentam permanentemente o mal. O mal é denominado “*Angra Mainyu*” ou “*Ahriman*” e suas entidades demoníacas são a mentira, a doença, a morte, o mau pensamento, a rebelião e o mau governo. Os adeptos do Zoroastrismo seguem o livro sagrado chamado de *Avesta* ou *Zend-Avesta*, que reúne os ensinamentos da doutrina. A Índia conta com uma minoria de seguidores do Zoroastrismo. Historiadores afirmam que os preceitos dessa religião influenciaram muitas outras religiões, como o judaísmo, o cristianismo e o islamismo (MUNDO EDUCAÇÃO, 2014).

Enquanto dominada pela Inglaterra, a Índia foi uma colônia importante em termos econômicos. Após a Segunda Guerra Mundial (1914-1918), a Inglaterra ficou enfraquecida economicamente e, em 15 de agosto de 1947, concedeu a independência da Índia. O país, que por vários séculos manteve uma divisão religiosa entre hindus e muçulmanos, dividiu-se em dois estados independentes: a Índia, cuja maioria era hindu, e o Paquistão, formado essencialmente por muçulmanos. O grupo da Índia, liderado por Mohandas Karamchand Gandhi, chamado de *Mahatma* (Grande Alma), conduziu os hindus em uma luta sem violência. Seu líder era a favor de greves, jejuns e diálogos para alcançar seus objetivos. Gandhi foi assassinado em 1948 por um extremista hindu e, ainda hoje, é referencial para o povo indiano. Ele conhecia os problemas de seu país e lutou para defendê-lo, buscando sempre por liberdade.

Em *O mundo pós-americano*, o escritor indiano Farred Zakaria, doutor em Ciência Política pela Universidade de Harvard, descreve a Índia como um país que tem se destacado em vários aspectos no cenário mundial. Ele relembra que, após

15 de agosto de 1947, quando a Grã-Bretanha transferiu o poder para a Assembleia Constituinte indiana, o primeiro ministro do país, Jawaharlal Nehru, referiu-se à Índia em seu nascimento como “estado independente”. Segundo Zakaria, a Índia, como sociedade independente, caracterizava-se por ser “impetuosa, vívida, aberta, dinâmica e, sobretudo, disposta à mudança” (ZAKARIA, 2008, p.151).

A cidade de Nova Deli<sup>9</sup> é a capital da Índia desde 1947. Nova Deli tornou-se capital devido à proposta da administração britânica, que privilegiou o fato de ela estar localizada no norte da Índia, o que facilitaria a administração do Governo da Índia Britânica. Essa mudança foi anunciada pelo rei George V, imperador britânico. Nova Deli tem como características ser uma cidade ampla, com diversas instituições e monumentos nacionais. Um dos monumentos mais importantes da cidade é o palácio Rashtrapati Bhawan, construído com arenito e mármore, residência oficial do presidente. Além disso, podem ser citados outros monumentos como o Arco Comemorativo da Primeira Guerra Mundial, construído em 1921, e os templos religiosos de Balmiki e Lakshminarayan, frequentados por Mahatma Gandhi, entre tantos outros. Ana Carolina Sacoman, em reportagem para o jornal *Estado de São Paulo*, retrata Deli da seguinte maneira:

A frenética capital da Índia respira o moderno e o antigo em doses idênticas. Construções do século 12 dividem atenções com prédios de última geração. Nas ruas, riquixás (ou tuc tucs, a versão motorizada) disputam espaços com carros moderníssimos. Finas peças de colecionador são vendidas na mesma loja dos badulaques mais impensáveis e mulheres vestidas à moda indiana, com seus multicoloridos sáris, compartilham mesa com garotas de calça jeans, uma raridade de se ver nesse país (SACOMAN, 2013, p. s/n).

Em textos sobre a cidade, lê-se que é possível encontrar de tudo em Nova Deli. Há desorganização, sujeira e destroços ao lado de monumentos históricos,

---

<sup>9</sup> Na escrita híndi, escrevia-se “Nova Delhi”.

museus, feiras gastronômicas, profissionais atendendo na rua, rituais religiosos, apresentações musicais, numa mistura inusitada de cheiros, cores e sons.

A partir do olhar de Thrity Umrigar, o romance em análise revela ao leitor esse instigante país, com características, muitas vezes, diversas daquelas já popularizadas.

### **2.1.1 A literatura indiana**

A produção científico-acadêmica relativa à literatura indiana é muito escassa ao redor do mundo. No Brasil, existe pouca informação sobre autores e obras indianas. Grande parte dela está em escritos de estudiosos indianos ou pesquisadores estrangeiros que escrevem artigos, dissertações e teses sobre a literatura indiana. Quando se pensa em literatura indiana, não se pensa em uma literatura canônica. O conhecimento sobre textos indianos limita-se a textos sagrados e filosóficos, como os textos antigos, os *Vedas*, livro sagrado do hinduísmo, considerado o primeiro livro indiano, o *Mahabharat*<sup>10</sup> ou o *Ramayan*. Há grande dificuldade em determinar quem são os autores e as datas em que foram escritos os textos citados. Outro fator que contribui para a pouca divulgação das obras indianas é que os indianos escrevem em várias línguas, como sânscrito, bengali, gujarate, híndi, tâmil, entre as 14 línguas oficiais do país. Esses textos, escritos em diferentes línguas, se não traduzidos para outros idiomas mais conhecidos, como o inglês, ficam perdidos, o que acaba conferindo-lhes o anonimato.

---

<sup>10</sup> Coletânea de poemas épico-religiosos da civilização indiana, com cerca de 200.000 versos. O sábio Vyasa, personagem mítico, é considerado o autor desses poemas e de outras escrituras sagradas do hinduísmo (SUPER ABRIL, 2014).

Segundo Tirthankar Chanda<sup>11</sup>, a literatura indiana moderna nasceu no século XIX, a partir do contato com a Europa. Para ele os escritores que foram expostos muito cedo à cultura ocidental trazem, em seus escritos, traços da literatura bengalesa. Calcutá, localizada no coração de Bengala, tornou-se o centro intelectual indiano. Os europeus descobriram os tesouros da literatura clássica da Índia escritos em sânscrito e também fundaram as primeiras universidades: Fort Willian College, em 1800, e Hindu College, em 1817. Formou-se uma elite de escritores bengaleses, que renovou a literatura com formas como a ode, o soneto, poemas de verso livre, o romance e a novela. Dessa geração, destaca-se o escritor Bankim Chandra Chatterji, considerado o pai do romance indiano. Em sua obra, os temas nacionalistas, as intrigas românticas e os enredos históricos são recorrentes. Rabindranath Tagore, primeiro escritor indiano a receber o prêmio Nobel de Literatura (1913), também figura em destaque nesse novo panorama literário.

O grande crescimento da literatura indiana moderna promoveu outras línguas da Índia. Apareceram os primeiros romances em hindi, tâmil, telugu, gujerati e outros idiomas, a partir da metade do século XIX. Tagore trouxe a novela da França e a popularizou em Bengala. Os escritores indianos adaptaram-na às urgências da reforma social e da resistência nacional contra a colonização inglesa. Durante a primeira metade do século XX, as novelas, com temas relativos à miséria social e à opressão das mulheres, passaram a ter espaço na literatura indiana. Porém, até a independência da Índia, em 1947, foram os escritores da Escola Progressista que dominaram a literatura. Faziam parte desse movimento estético os escritores Premchand, em língua híndi, e Manto, da língua urdu.

---

<sup>11</sup> Professor de literaturas pós-coloniais da Universidade de Paris VIII e do Instituto Nacional de Línguas e Civilizações Orientais de Paris; jornalista da Radio *France Internationale* e da revista *Jeune Afrique*.

Após a independência, as literaturas de línguas vernáculas desenvolveram-se em todos os gêneros. Os poemas de Tagore, Jibanananda Das e Sukanto Bhattacharya deixaram o idealismo romântico e o culto ao belo e se tornaram populares, tendo a rua como fonte inspiradora. Houve também o surgimento da literatura das mulheres e dos dalits, classe inferior. A poesia dalit falava da humilhação e clamava por transformação. Chanda afirma que “[...] para esses autores, escrever não é apenas uma prática estética, mas também um ato político” (CHANDA, 2014, p. s/n). Como exemplo de escritores dessa literatura, citam-se Dhasal, com sua coletânea de poemas chamada *Golpitha*, e Sangati, com a narrativa autobiográfica.

A literatura em língua inglesa, que possui maior *status* dentre as outras, é representada por uma geração de escritores chamada de “filhos da meia noite”, referência ao polêmico romance escrito por Salman Rushdie. Além dele, os escritores anglofônicos associados à literatura indiana são Tarun Tejpal e Arundhati Roy. Para Chanda, o prestígio da literatura inglesa “[...] mostra como o inglês, longe de ser o vestígio de um passado de subjugação, tornou-se a ferramenta privilegiada para explorar a realidade contemporânea indiana em toda a sua complexidade” (CHANDA, 2014, p. s/n). Thomas Babington Macaulay<sup>12</sup> reforça que essa elite anglófona era “[...] uma classe de indivíduos, indianos pelo sangue e pela cor da pele, mas ingleses por seus gostos, suas opiniões, sua moral e sua capacidade intelectual” (MACAULAY, citado em CHANDA, 2014, p. s/n).

Alguns escritores encontram, evidentemente, dificuldade para se exprimir em outra língua que não a nativa. Um escritor anglófono, Raja Rao, fez a seguinte observação no prefácio de seu romance, *Kanthapura* (1938):

---

<sup>12</sup> Poeta, historiador e político. Ficou conhecido pelo seu trabalho *História da Inglaterra* (1849 – 1861). Cf: <http://global.britannica.com/EBchecked/topic/353722/Thomas-Babington-Macaulay-Baron-Macaulay>.

Nós somos condenados a exprimir esta alma, que é nossa, com palavras vindas de fora. É difícil dar-se conta das nuances de nosso pensamento e dos silêncios que ocupam o processo de reflexão devido a essa incapacidade que sentimos de nos exprimir em uma língua estrangeira (RAO, citado em CHANDA, 2014, p. s/n).

Porém, outros escritores dizem que todos os que pertencem à elite estudaram em escolas em que o idioma inglês era a língua principal e faziam parte de ambientes plurilinguísticos. Para o escritor U. R. Ananthamurthy “Seja em que parte da Índia estivermos, vivemos numa ambivalência de línguas e influências. Falar uma língua em casa, outra na rua e uma terceira no trabalho parece algo bastante habitual e natural” (ANANTHAMURTHY citado em CHANDA, 2014, p. s/n).

O inglês é a língua que se disseminou amplamente. Segundo Zakaria (2008, p. 90), “[...] o que soa jovem e moderno hoje é o inglês”. Ele afirma que cerca de 80% das informações armazenadas eletronicamente no mundo estão em inglês e que, ao longo do último século, o inglês se tornou a língua da modernidade. Para ele, os exemplos a seguir confirmam essa predileção: “A palavra ‘tanque’ em russo é ‘tank’. Quando indianos que estão conversando em híndi querem dizer nuclear, geralmente dizem ‘nuclear’. Em francês, o fim de semana é ‘lê weekend’. Em português, internet é ‘internet’” (ZAKARIA, 2008, p. 91).

O uso do idioma inglês está tão difundido entre as outras línguas que a sociedade já não diferencia um idioma do outro. Os indivíduos usam-no de maneira natural, incorporando-o no dia a dia de suas funções.

### **2.1.2 A comida indiana**

A comida indiana também é um elemento que desperta fascínio nas pessoas. Ela apresenta grande variedade de pratos típicos e uma infinidade de condimentos combinados com legumes, frutas e carnes. Segundo os relatos de João

Avelar Lobato, geógrafo e colaborador do jornal *Folha de S. Paulo*, o arroz é um dos alimentos que raramente falta nas refeições. Ele pode ser substituído pelo *naan*, um pão leve feito de trigo e parecido com o pão sírio. O *naan* é cortado e misturado com diferentes molhos. Os indianos comem com a ponta dos dedos, em uma velocidade surpreendente, usando a mão direita. A mão esquerda não é utilizada para levar o alimento à boca e também é considerada ofensa se for usada para entregar algo a alguém. Lobato relata que a mão esquerda é tida como suja porque é usada para limpeza pessoal após o uso do vaso sanitário (LOBATO, 2009, p. 20).

No romance *A doçura do mundo*, vários pratos indianos que a personagem Tehmina sabe preparar são mencionados. Entre eles, tem-se: *Daar-ni-pori*, que é traduzido por Tehmina como sua apreciada torta doce de semolina e lentilha com passas e cerejas (UMRIGAR, 2008, p.18); *Chappatis*, panqueca (p. 22); *Sali boti*, carne de carneiro com damasco (p. 33); *Dhansak daal*, lentilhas, legumes e carne servidos com arroz levemente adocicado (p. 50).

O romance relata que os parses eram considerados gulosos e que também, não importava o lugar que ocupassem, sempre seriam parses quando estivessem próximos aos alimentos. Há um momento em que Tehmina, juntamente com Susan, observa os convidados na recepção feita por indianos amigos, Homi e Perin Jasawala. Eles haviam organizado uma reunião, com alimentos típicos indianos: “Mas nada era capaz de mudar os hábitos de um parse, ou diminuir sua paixão por pratos condimentados. Em matéria de comida, eles continuavam a ser *khadras*, gulosos como sempre” (UMRIGAR, 2008, p. 168-169).

Tehmina acrescenta que os indianos faziam comidas em excesso. A fartura de alimentos era sempre bem vista:

Ainda assim, a fartura só fazia deixar os convidados ainda mais delirantes, quando os aromas dos pratos que eles adoravam e dos quais sentiam saudade – as farchas de frango frito, marinado naquela deliciosa mistura de temperos que era o massala; o peixe defumado, coberto de chutney verde; o pullao de cordeiro – lhe assaltavam as narinas. Eles não estavam propriamente disputando a tapas um lugar melhor na longa mesa de jantar – eram sofisticados demais para isso – mas o ar estava carregado de sua urgência e impaciência (UMRIGAR, 2008, p. 169).

Segundo a personagem, o povo indiano parece ser compulsivo quando se trata de alimentação. Essa compulsão pode ser vista no exagero do preparo de alimentos pelos anfitriões indianos e também nos convidados ao servirem-se. No romance, Susan relembra a recepção que os sogros fizeram na Índia, depois que ela e Sorab casaram-se. Ela diz para a sogra: “Puxa, pensei que eu nunca fosse conseguir me sentar para comer naquela noite, do jeito que as pessoas esperavam para agarrar as mesas” (UMRIGAR, 2008, p.169).

Outro momento na narrativa em que se sobressaem esses valores sociais é quando Tehmina percebe que o recepcionista indiano Perin incentiva os convidados a não serem tímidos e a encherem seus pratos. Ela relaciona essa atitude aos jantares nas casas de amigos norte-americanos do filho, onde os anfitriões não insistem para que os convidados repitam a comida.

Por mais supérfluo que fosse esse gesto, Perin circulava pela grande sala de jantar, exortando os convidados a encherem os pratos, a não serem tímidos. Tehmina sabia que isso era o remanescente de um costume indiano e ficou contente por Perin praticá-lo, mesmo percebendo o quanto era desnecessário. Ainda assim, era melhor do que o que ela havia observado nas casas dos amigos norte-americanos de Susan e Sorab. (UMRIGAR, 2008, p. 170)

Essas lembranças da personagem Tehmina sobre os hábitos alimentares das pessoas de seu convívio confirmam a força dos valores culturais que, enraizados no indivíduo, nele permanecem, apesar da distância da terra natal.

### 2.1.3 A vestimenta indiana

O vestuário também é um ponto importante da cultura indiana. Muitas vezes, ele indica a casta a que a pessoa pertence; outras vezes, a roupa é uma proteção do clima frio. Os detalhes da roupa indicam religião, *status* social, condição econômica e cultura. Os famosos turbantes, chamados de *pagari*, os braceletes, os colares e as pulseiras para as mulheres mostram uma Índia exótica e cheia de mistérios. O *sári*, um longo pedaço retangular de cor viva, pode ser enrolado no corpo da mulher de diferentes formas, indicando sua casta e se é solteira ou casada. Essa vestimenta é usada no dia a dia das mulheres e também nas festividades. As cores do *sári* que a mulher veste também carregam significados. A cor branca é usada pelas viúvas e nos rituais religiosos; a cor vermelha para as noivas representa prestígio e sexualidade. As cores amarelo e laranja são usadas pelas mulheres que estão na maternidade; o preto significa dor, doença. As mulheres solteiras usam *sáris* coloridos.



Figura 1 – Mulher indiana vestida com um sári  
Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A1ri>

A personagem Perin, mulher de Homi, recebeu seus convidados vestindo o *sári*:

A máquina humana estava à espera deles na porta de entrada. Perin tinha uma aparência esplendorosa, com um *sári* vermelho e jóias de ouro, exibindo-se ao mundo inteiro como se estivesse vestida para um casamento parse em Bombaim (UMRIGAR, 2008, p. 148)

Outra vestimenta indiana é o *salwar-khameez*, que significa “calça e blusa”. Em determinado momento no romance, Tehmina está na varanda, descansando ao lado da nora, e veste um *salwar-khameez*. “As duas mulheres sentaram-se na camaradagem do silêncio, no jardim da frente. Tehmina com um suéter azul-marinho por cima da túnica longa e calças compridas folgadas, seu *salwar-khameez* de batique” (UMRIGAR, 2008, p. 11).



Figura 2 – Mulher indiana vestida com um *salwar khameez*  
Fonte: <http://juneemaestoriadeamor.blogspot.com>

Atualmente, o *sári* está sendo usado em situações e cerimônias especiais, igual aos quimonos no Japão. Segundo Zakaria, Kishore Mahbubani, diplomata e intelectual de Cingapura, acreditava que os países não ocidentais emergentes manteriam seus costumes enquanto enriquecessem. Porém, a imprensa indiana registra a queda do uso do *sári* (ZAKARIA, 2008, p. 86).

Na última década, as mulheres indianas vêm trocando o *sári* por uma roupa mais prática. A sofisticada indústria do traje tradicional, com seus diferentes materiais, modos de tecer e estilos, está em declínio, mesmo em meio ao forte crescimento indiano (ZAKARIA, 2008, p. 86-87).

As mulheres optam por roupas mais práticas, como o *sawar kurta*, que combina uma calça folgada e uma túnica. Zakaria menciona que o uso de trajes tradicionais esteve por muito tempo associado ao patriotismo. Segundo ele, Gandhi insistia no uso como um ato de revolta contra as tarifas e os tecidos britânicos (ZAKARIA, 2008, p. 87-88). Ele ainda comenta sobre os ternos ocidentais, que se tornaram comuns entre os homens de negócio indianos e entre autoridades do governo, denunciando a nova fase pós-colonial na Índia. Tal procedimento denota o entrelaçamento de culturas, propiciado pelo encurtamento das distâncias que é resultante do processo de globalização.

## 2.2 OS ESTADOS UNIDOS PELO OLHAR DA PERSONAGEM TEHMINA

Frequentemente os Estados Unidos são referência devido a sua dominância política e econômica. A cultura norte-americana apresenta significantes módulos regionais. A maioria dos americanos tem consciência das diferenças regionais devido às transformações econômicas e à mobilidade das pessoas que deixam seu lugar de origem. A região nordeste dos Estados Unidos é a mais populosa e líder em tecnologia e indústria. O centro oeste é conhecido como área rural e também

industrial. O sul, a região que faz fronteiras econômicas. A região oeste é a de maior beleza, com paisagens como Grand Canyon, Yellowstone National Park e Niagara Falls.

O romance de Thrity Umrigar mostra as diferenças de ambientes mesmo dentro dos Estados Unidos. Sorab morava em Rosemont Heights, um bairro residencial muito tradicional dos Estados Unidos, no estado de Ohio, porém Tehmina gostava de Cleveland e se questionava sobre a escolha do filho e da nora irem morar em Rosemont Heights. Em determinada passagem, a personagem relata a diferença entre o mercado da vizinhança e a feira do produtor, no centro de Cleveland.

As duas sorriam ao ver uma senhora baixa, de tez escura, circulando pelos corredores com um casaco de pele branco, imponente como uma rainha, inspecionando os pimentões e as cenouras como se fossem seus súditos. Bem ao lado dela, um homem de aparência maltrapilha, óculos colados com fita adesiva e furos no sujo sobretudo de inverno, andava arrastando os pés. Era isso que havia de admirável na feira – ela era um desfile da humanidade, como se uma espécie de democracia brotasse entre o alho e a acelga. Tehmina voltou a pensar na mercearia em que Sorab e Susan faziam suas compras. Que insípidas e uniformes pareciam as pessoas que compravam lá, saudáveis, limpos e bem esfregados, sem um traço da individualidade e das excentricidades pitorescas que os compradores da feira exibiam nos rostos interessantes e multicores (UMRIGAR, 2008, p. 42-43).

A figura a seguir mostra o espaço do mercado do produtor de Cleveland, aonde Tehmina gostava de ir. Para ela o local lembrava Bombaim, onde podia sentir o aroma das frutas e legumes, o cheiro da humanidade nos corredores. O mercado do produtor, denominado em inglês como *West Side Market*, é considerado um dos pontos turísticos mais visitados de Ohio.



Figura 3 – Mercado do produtor em Cleveland – Ohio

Fonte: [http://www.clevescene.com/scene-and-heard/archives/2011/01/27/videot he-west-side-market-never-looked-so-beautiful](http://www.clevescene.com/scene-and-heard/archives/2011/01/27/videot%20he-west-side-market-never-looked-so-beautiful)

A obra apresenta várias imagens de espaços americanos e indianos percorridos pelas personagens, em suas ações ou lembranças, no decorrer do romance. O crítico Antonio Dimas, em sua obra *Espaço e romance*, afirma que esse elemento constitutivo da narrativa pode ter um lugar de destaque ou até mesmo prioritário e fundamental para a ação se desenvolver. Quando visita o mercado do produtor em Cleveland, Tehmina sente-se em casa, de volta a sua amada pátria. Até mesmo quando sai a passeio com seu filho Sorab, ela acha que alguns lugares dos Estados Unidos são semelhantes a outros da Índia. Em sua aceitação ou negação desses diversos espaços, pode-se perceber a origem, os valores da personagem.

Osman Lins, reconhecido autor brasileiro, ao estudar o espaço, faz uma distinção entre espaço e ambientação. Enquanto ambientação é “[...] o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de

um determinado ambiente” (LINS citado em DIMAS, 1987, p. 20), espaço é a descrição física de um lugar, assim como o espaço de um quarto, da sala, da rua entre outros. O referido autor conclui que “[...] o espaço é denotado; a ambientação é conotada” (LINS citado em DIMAS, 1987, p. 20). Isto significa que a ambientação é mais complexa que o espaço; o espaço seria a descrição de um lugar em seus aspectos físicos, e a ambientação sugere dar significação ao ambiente descrito.

Lins ainda classifica a ambientação em três tipos: franca, reflexa e dissimulada. Segundo ele, “ambientação franca” é aquela “[...] que se distingue pura e simples do narrador” (LINS citado em DIMAS, 1987, p. 20). Isto é, aquela em que o narrador, em terceira pessoa, descreve o ambiente.

A segunda classificação, “ambientação reflexa”, é aquela em que “[...] as coisas, sem engano possível, são percebidas através da personagem” (LINS citado em DIMAS, 1987, p. 22). O romance em análise pode ser enquadrado nesse tipo de ambientação, pois é através do olhar das personagens, em especial de Tehmina, que o leitor vislumbra os diversos ambientes apresentados no decorrer da narrativa. Seus valores e sua cultura estão projetados em cada descrição que a personagem faz, emprestando aos ambientes um colorido individual.

A terceira ambientação, classificada como “dissimulada”, é relacionada por Lins aos “atos da personagem”, que “[...] vão fazendo surgir o que a cerca, como se o espaço nascesse dos seus próprios gestos” (LINS citado em DIMAS, 1987, p. 26). Nesse tipo de ambientação, o narrador delega à personagem o poder de criar o ambiente da narrativa.

A figura abaixo mostra um típico mercado americano. Nela, veem-se as frutas e verduras embaladas em plástico, não permitindo que o cliente toque na fruta

ou no legume. Com essa imagem, exemplifica-se o que a personagem Tehmina via nos supermercado perto do condomínio onde morava seu filho Sorab.



Figura 4 – Supermercado nos EUA, com frutas e verduras embaladas  
Fonte: <http://rochelle-frank.hubpages.com/hub/Pre-Wrapped-Produce-Fruits-and-Vegetables-Are-Getting-a-Bad-Wrap>

Sorab dizia que Cleveland não era uma cidade onde habitavam famílias. Apenas solteiros e, na maioria, homens que bebiam muito. Porém, Tehmina, quando olhava para Cleveland, sentia-se como se estivesse passeando pela Índia. Ela comenta:

Esse lugar me faz lembrar a zona sul de Bombaim. Alguns daqueles prédios antigos e majestosos, como o edifício da Faculdade Elphinston e o do Terminal Ferroviário Victoria. E você não acha que a Torre do Terminal lembra a da antiga Universidade de Bombaim? (UMRIGAR, 2008, p. 44).

É novamente o olhar da personagem a direcionar o leitor pelos espaços da narrativa, agregando a eles seus valores.

Segundo o Censo de 2013, os Estados Unidos contam com uma população de 320,1 milhões. A população está envelhecendo, a taxa de natalidade caindo e o número de imigrantes também. O período de maior nascimento foi datado nos anos de 1960. A expectativa de vida é de 73 anos para os homens brancos e 79 para mulheres brancas. Os afro-americanos têm a expectativa de 67 anos, sendo um pouco mais para os homens. A mortalidade infantil entre a população afro-americana é maior do que entre os americanos brancos. A categoria do censo americano identifica a população como branca quando descende de europeus. Ela corresponde a 70%. A população chamada de “hispanica” ou “latina” inclui os imigrantes vindos do México, Porto Rico e Cuba e eles podem ser de qualquer cor. A estimativa é de que eles integrem 12% da população. A população asiática, incluindo os imigrantes das ilhas do Pacífico, é composta de chineses, filipinos, japoneses, coreanos, vietnamitas e indianos. Essa população preenche 4% da população americana. Os americanos nativos, que incluem os nativos do Alaska, consistem em 1% da população. A identidade nacional dos americanos é forjada a partir de um processo em que a nação assimila e absorve imigrantes para produzir um americano padrão. Essa é uma forte ideia cultural. Os americanos são os que têm aparência branca e pertencem à classe média. Os outros residentes são definidos como afro-americanos, nativo-americanos, asiático-americanos e mexicano-americanos.

Os americanos alimentam-se, em sua maioria, de comidas processadas e de rápido preparo. São alimentos ricos em sal, gordura e carboidratos. A preferência por hambúrguer, cachorro-quente e comidas prontas está enraizada na cultura americana, que julga as comidas processadas como mais seguras e limpas.

A indústria americana precisa apresentar alimentos de rápido preparo, característica essencial para uma nação em que as mulheres e mães não contam

com nenhuma ajuda nos serviços de casa. Então, é preciso facilitar, agilizar a preparação dos alimentos.

Embora a maioria das mulheres americanas trabalhe fora de casa, os serviços domésticos e os cuidados com os filhos ainda são de responsabilidade da mulher. A expressão “dupla jornada” caracteriza essa mulher que exerce uma profissão e, quando volta ao lar, também realiza as tarefas domésticas. A renda que a mulher ganha trabalhando fora, muitas vezes, não é suficiente para pagar todas as despesas básicas e contratar alguém que possa ajudá-la na limpeza de casa. Isso ocasiona uma sobrecarga de serviços para a mulher. A crença de que homens e mulheres possuem os mesmos direitos e deveres ainda não se concretizou no dia a dia. Estudos indicam que, na classe média, apesar de lutar por direitos iguais, as mulheres detêm a maior responsabilidade pelos serviços do lar. Em termos de lei, homens e mulheres possuem os mesmos direitos e deveres. Eles podem votar, ter suas propriedades, escolher com quem querem casar, podem se divorciar e receber salários iguais para as mesmas tarefas. Eles também têm controle sobre o nascimento e a opção pelo aborto.

A história da legalização do aborto, nos Estados Unidos, iniciou-se há 40 anos, devido a uma luta travada nas ruas e que terminou em um tribunal, come o conhecido caso “Roe versus Wade”. Essa batalha foi protagonizada pela americana Jane Roe Norma Mc Corvey, uma moradora do estado do Texas, pobre e solteira, que recorreu à justiça pelo direito de interromper sua gestação resultante de violência sexual. Como o processo judicial se estendeu por três anos, o bebê, depois do nascimento, foi colocado para adoção. Esse caso foi defendido por duas advogadas e recebeu o apoio de movimentos em prol de causas feministas, gerando debates e protestos pelo país. O Estado enviou como seu representante no caso o

promotor Henry Menasco Wade, um experiente profissional nessa área. Em 22 de janeiro de 1973, a Suprema Corte reconheceu o aborto como um direito das mulheres. Porém, o referido caso já havia atingido proporções vultuosas e suscitado novos direcionamentos para questões relacionadas à liberdade democrática das mulheres. Nesse período de luta, surgiu o movimento e a expressão “pró-vida”, o que motivou a Suprema Corte, no fim dos anos 1980, a delegar aos estados autoridade para restringirem o direito ao aborto com leis locais. Isso fez com que os republicanos dificultassem o acesso ao procedimento, o que resultou na criação de aproximadamente 130 leis restritivas para o funcionamento do procedimento de aborto em clínicas de 28 estados governados por republicanos. Segundo a jornalista Jéssica Gourdon, do jornal *Lê Monde Diplomatique Brasil*, nos estados do centro e do sul, dominados por republicanos, que estão entre os mais pobres do país, 52% das pessoas consideram que o aborto deveria ser ilegal para a maioria dos casos. Porém, em alguns estados da costa leste, de tradição democrata, essa proporção cai para 20%.

Apesar de todas as conquistas feitas pelas mulheres americanas, ainda existe uma sutil valorização da figura masculina, quando se trata de benefícios sociais e econômicos.

A visão idealizada dos Estados Unidos, como representação de um lugar onde imperavam a justiça, a prosperidade e a igualdade, contribuiu para que o país se tornasse uma nação modelo para o resto do mundo. Porém, a concepção de que os Estados Unidos são superiores ao resto do mundo vem mudando ao longo dos anos. Em sua obra *O mundo pós-americano*, Zakaria afirma que o mundo ingressou em uma nova era que ele denomina como “A ascensão do resto” (ZAKARIA, 2008, p.12). Isso quer dizer que países de todo o mundo vêm experimentando taxas de

crescimento econômico nunca sequer imaginadas em tempos passados. O autor alerta:

Olhemos em volta. O edifício mais alto do mundo está agora em Taipei e será superado, em breve, por um em construção em Dubai. O homem mais rico do mundo é mexicano e a maior empresa de capital aberto é chinesa. O maior avião do mundo está sendo fabricado na Rússia e na Ucrânia, a maior refinaria está em construção na Índia e as maiores fábricas estão todas na China. Sob qualquer critério, Londres está se tornando o principal centro financeiro e os emirados árabes unidos abrigam o fundo de investimento mais bem dotado. Ícones outrora essencialmente americanos foram apropriados por estrangeiros. A maior rodagigante está em Cingapura. O maior cassino não está em Las Vegas, mas em Macau, que já superou a cidade americana em receita anual de jogo. A maior indústria cinematográfica, em termos de filmes produzidos e ingressos vendidos, é Bollywood, na Índia. Até a maior atividade esportiva americana – comprar em shopping – tornou-se global. Dos dez maiores shoppings do mundo, apenas um está nos Estados Unidos; o maior de todos está em Pequim (ZAKARIA, 2008, p. 11-12).

Tais exemplos reforçam que não somente os Estados Unidos despertam o interesse da população mundial, que existe um visível crescimento global em todas as áreas (industrial, financeira, educacional, social e cultural) e que está sendo acompanhado atentamente. Para Zakarias (2008, p.14-15), “[...] estamos nos dirigindo para um mundo pós-americano, definido e dirigido a partir de muitos lugares e por muita gente”.

Com essa expansão de fronteiras resultante da globalização, o mundo busca estar conectado com todos. Segundo Zakaria (2008, p. 35), “[...] as pessoas não precisavam mais necessariamente ir até onde estavam os empregos, mas os empregos podiam ir até onde estavam as pessoas. E eles foram para programadores na Índia, telefonistas nas Filipinas e radiologistas na Tailândia”. Esse

crescimento, que está avançando ao longo das últimas décadas, vem se transformando em um sistema democrático, conectado e aberto ao mundo.

### 2.3 A RELAÇÃO ENTRE ÍNDIA E ESTADOS UNIDOS

No Brasil, há um grande desconhecimento da cultura indiana. Recentemente as mídias de comunicação começaram a difundir essa cultura, trazendo à população algumas reportagens jornalísticas e programações como a novela *Caminho das Índias*, exibida pela rede Globo, em 2009. Tais programas oportunizaram ao brasileiro um maior conhecimento sobre a cultura indiana: o sistema de castas, a música, algumas expressões do dia a dia e hábitos diversos do povo indiano. Também trouxeram ao conhecimento do público a figura do dália ou pária, último na escala social de castas, visto com desprezo pelos mais conservadores. Segundo Lobato (2009, p. 28), “[...] os dálitis conquistaram seus espaços e hoje conseguem entrar nos templos”. Como exemplo de significativas mudanças nos valores e padrões de comportamento indianos, pode-se apontar Kocheril Raman Narayanan, primeiro dália a chegar à presidência. Ele foi presidente da Índia no período de 1997 a 2002.

Nos dias de hoje, principalmente em Nova Deli, capital da Índia, é comum encontrarmos os jovens vestindo calças jeans, camisetas, tênis e bonés de times americanos. Isso tudo reflete as grandes mudanças ocorridas através dos tempos. A fusão de novas culturas em um mesmo ambiente provoca novas identidades, novos comportamentos, resultando em novos indivíduos.

Uma das maiores riquezas culturais de que a Índia se vangloria é a criação de Bollywood, a indústria cinematográfica indiana. O nome “Bollywood” surgiu da fusão dos nomes Bombay e Hollywood, a cidade cinematográfica americana. Bollywood está localizada na cidade de Mumbai.

O cinema é um dos entretenimentos preferidos dos indianos. Atualmente, nas salas de cinema brasileiras, exige-se silêncio para que o público preste atenção no filme. Entretanto, na Índia, os telespectadores participam ativamente da exibição. Segundo Lobato, a plateia interage com os filmes. Eles cantam, riem, criticam o vilão e emocionam-se com a donzela e o mocinho. Os indianos vão ao cinema assistir ao mesmo filme inúmeras vezes e por isso acabam decorando falas, músicas, sentindo-se, assim, parte da história exibida (LOBATO, 2009, p. 31). Nessa indústria, os filmes não abordam temas polêmicos, como miséria, injustiça social, homossexualismo e outras formas de discriminação. O objetivo é o entretenimento. As cenas de amor e de sexualidade são colocadas de forma velada, nada em evidência, apenas sugerindo as ações entre as personagens. Em publicação recente no Jornal *O Globo* (05 de abril de 2013), a jornalista Shilpan Jamkhandikar relata que Bollywood está diversificando seus estilos, pois de dramas tradicionais, com música e dança, e da comédia pastelão, a indústria cinematográfica está apostando agora nos filmes de zumbis, com os quais pretende atrair um público mais jovem. Ela ainda menciona o fato de que, em 2013, o cinema indiano comemorou 100 anos, com o lançamento de três filmes de zumbis, em híndi. O primeiro, lançado em abril de 2013, foi *Rise of the Zombie*; o segundo, em maio do mesmo ano, foi *Go Goa Gone*, e o terceiro, que estreou no final de 2013, recebeu o título de *Rock the Shaadi* (Rock the Wedding). Esses três lançamentos vieram para competir com grandes filmes americanos do mesmo gênero. A jornalista cita ainda os dois filmes americanos com os quais as produções indianas pretendiam competir. Os filmes citados são *Meu namorado é um Zumbi* e *Guerra Mundial Z* (JAMKHANDIKAR, 2014, p. s/n).

Para Zakaria, Bollywood é a cultura de massa nativa indiana, “[...] é um híbrido cultural” (ZAKARIA, 2008, p. 92). Ainda segundo ele, é uma junção da cultura de massa indiana com a dos Estados Unidos, visto que, muitas vezes, os filmes de Bollywood são *remakes* mal disfarçados de clássicos americanos, incluindo uma dezena de canções indianas. Além das canções, eles conservam alguns elementos essencialmente indianos. As histórias são frequentemente com mães que se sacrificam pelos filhos, rixas de família, separações fatais e superstições. Zakaria diz que nesses roteiros “Oriente e Ocidente se misturam completamente” (ZAKARIA, 2008, p. 93).

Em *A Índia que eu vi*, João Avelar Lobato comenta que são poucos os filmes de horror feitos em Bollywood. Os que existem tendem a se concentrar em fantasmas e na vida após a morte, que são temas comuns na mitologia hindu. Tal fato pode explicar a escolha que Thrity Umrigar fez, ao colocar, no prólogo do romance em análise, a figura de Rustom já falecido para dar início à narrativa.

Carrière comenta que o cinema indiano, no ano de 2000, realizou mais de 850 filmes e que a Índia produz e consome mais filmes do que todos os outros países do mundo reunidos (CARRIÈRE, 2009, p. 39). As estrelas que interpretam os filmes também são divinizadas pela população. Existe um laço profundo entre o cinema e o público, pois o cinema une a representação popular, a dança e o canto. Carrière relata que o problema da indústria cinematográfica indiana é que os filmes são rapidamente descartados, “[...] são filmes para hoje e não para amanhã” (CARRIÈRE, 2009, p. 40). O cinema indiano não conta com arquivos, não tem história; os indianos não se preocupam em conservar os filmes. Assim como o cinema mostra aspectos da cultura indiana, a obra literária em estudo também nos revela alguns aspectos desse povo, tais como os mencionados nos itens anteriores.

A partir do fenômeno da diáspora, tema explorado no romance de Umrigar, as culturais oriental e ocidental são comparadas ao longo de toda a narrativa. O trânsito dos Estados Unidos, por exemplo, é comentado pela personagem Tehmina como sendo o cenário em que as pessoas pareciam “carneirinhos”, esperando que o sinal dissesse “ande” ou “pare”. Para os americanos atravessar a rua sem o semáforo é grotesco, enquanto que na Índia o trânsito é uma fusão de gente, animais e sons.



Figura 5 – Trânsito de Bombaim

Fonte: <http://gwreflectionsindia.blogspot.com.br/2012/08/where-are-my-words.html>



Figura 6 – Trânsito nos Estados Unidos

Fonte: <http://travel.nationalgeographic.com/travel/countries/united-states-photos/>

Com os meios de comunicação cada vez mais evoluídos e de fácil acesso, o conhecimento sobre países tão distantes e culturas tão misteriosas está cada vez mais perto daqueles que o buscam. Em meio aos programas de entretenimento, as pessoas encontram algumas produções que fornecem certos detalhes e hábitos antes desconhecidos. Um dos exemplos mais atuais é a série americana *The Big Bang Theory*, exibida desde setembro de 2007 nos Estados Unidos. A série, criada por Chuck Lorre e Bill Prady, estreou no Brasil, em novembro do mesmo ano, pelo canal a cabo Warner Channel. Essa série já está em sua sétima temporada, com 140 episódios, sendo considerada de grande sucesso pela crítica. Nos episódios, temos uma personagem, Rajesh, apelidado de Raj, que é um indiano muito tímido. Na história, ele não consegue falar ou se relacionar com mulheres ou homens afeminados sem antes tomar alguma bebida alcoólica. Ele está adaptado à cultura americana e sempre comenta que não gosta da comida indiana. Raj, que é doutor em Astronomia, tem atitudes um pouco delicadas para um indiano, pois sabe cozinhar e mantém a casa organizada. No seriado, ele tem contato com os pais na Índia pelo *laptop*. O pai é um médico bem sucedido na Índia e representa uma família com alto poder aquisitivo. Raj é interpretado pelo ator Kunal Nayyar, que é um britânico criado na capital da Índia, Nova Deli. Outra personagem da série é Howard, interpretada pelo ator Simon Helberg. Howard é um engenheiro que possui mestrado como qualificação profissional. Esse título diferencia-o negativamente das outras personagens, que já possuem doutorado em seu curriculum. Apesar de ser poliglota, a personagem sofre “*bullying*” por não ter o título de doutor. Ele é judeu, porém não segue plenamente os preceitos da religião, a não ser o de não comer carne de porco. A série é uma comédia que revela as diferenças culturais entre o

grupo de personagens e que talvez por isso atraia um grande número de fãs representativos de diversas culturas.

Outro seriado americano de grande sucesso é *Os Simpsons*. Dentre as tantas personagens do desenho, está Apu Nahasapeemapetilon, baseada nos estereótipos asiáticos próprios de pessoas que estão nos Estados Unidos trabalhando em pequenos mercados. Ele é casado com Manjula e é pai de oito filhos. O casamento deles foi arranjado pela família quando a menina estava com oito anos. Apu é um indiano que imigrou ilegalmente para os Estados Unidos e se naturalizou americano. Ele é dono de uma mercadinho, Kwik-E-Mart, em Springfield. Em seu estabelecimento, ele oferece cachorros-quentes, burritos congelados e suco de frutas, porém com preços altíssimos. Apu diz ser vegetariano e manter suas crenças hinduístas. Em um dos episódios, Apu tentou abandonar a família e voltar para Índia, disfarçado e com o nome de Steve Barnes.

Esses são dois exemplos de estereótipos indianos encontrados na televisão, meio de comunicação de maior abrangência na sociedade brasileira. Nesses exemplos, constatamos alguns traços da cultura indiana. As personagens indianas, Raj e Apu, trazem características físicas semelhantes. Em *Os Simpsons*, Apu está sempre com o mesmo figurino e Raj, no seriado, assemelha-se a ele em seu traje, constituído de calça e jaqueta coloridas, reforçando junto ao público os estereótipos em voga.



Figura 7 – Raj vestindo uma jaqueta curta, semelhante à vestida por Apu  
Fonte: <http://www.tv.com/news/the-big-bang-theory-season-6-finale-review-surprisingly-smooth-sailing-136875234851/>



Figura 8 – Apu em seu usual figurino  
Fonte: <http://simpsons.wikia.com/wiki/Kwik-E-Mart>

Assim como as personagens Raj e Howard, um indiano e outro judeu, mantêm uma relação de amizade nos episódios do seriado *Big Bang*, Tehmina e Eva, uma indiana e outra judia, demonstram uma forte amizade no romance de Umrigar. Como não são americanas, elas estão nos Estados Unidos em uma condição semelhante: ser estrangeiras no país onde moram. Apesar de apresentarem identidades diferentes da cultura norte-americana, estão inseridas naquele contexto, muitas vezes, tendo que aceitar e ou silenciar frente às circunstâncias adversas que lhes são apresentadas diariamente.

Para Zakaria, a comunidade indiano-americana estabeleceu uma ponte entre as duas culturas. O autor cita a expressão “evasão de cérebros” (ZAKARIA, 2008, p. 164), que descreve a saída dos indianos de seu país. Isso significa que os indianos, que se evadem da Índia, geralmente são pessoas com extrema capacidade e que prosperam ao desempenhar importantes papéis na sociedade americana. Zakaria comenta:

É a famosa pergunta de um parlamentar a então primeira-ministra Indira Gandhi: “por que os indianos parecem ter sucesso em qualquer lugar, exceto em seu próprio país?” Histórias de indianos que escalam os mais altos picos nos Estados Unidos geraram orgulho e emulação na Índia. Por sua vez, os americanos aceitaram com mais facilidade a Índia porque tiveram uma experiência positiva com os indianos em seu país (ZAKARIA, 2008, p. 164).

Estados Unidos e Índia, duas nações que estão construindo sua relação a partir de uma língua comum, forjada em acordos de cunho profissional e, por vezes, artístico.

No romance, a personagem Tehmina, devido ao fato de ter socorrido as duas crianças da vizinha, acaba sendo conhecida nacionalmente como uma heroína americana. O caso foi relatado por um jornalista do *Daily Mirror*, que estava

acompanhando o policial que fez o atendimento do chamado. Ele pretendia escrever uma matéria sobre um típico dia de ronda policial. A manchete “Milagre de Natal” precedia a notícia, que destacava a figura da mulher indiana, com 66 anos, que ajudara duas crianças. A primeira reação de Sorab foi de preocupação com sua carreira, pois a reportagem sobre sua mãe poderia colocar sua carreira em xeque. Sorab pensava na sua chefe, Grace Butler, lendo a matéria jornalística:

Provavelmente ela leria ou ouviria falar dessa história. E Sorab sentia-se enjoado com a idéia. Sabia o que iria pensar. Quem, senão uma ignorante do Terceiro Mundo, faria algo tão grosseiro quanto pular uma cerca para espionar uma vizinha? Mamãe havia acabado de garantir a promoção de Gerry Frazier (UMRIGAR, 2008, p. 232).

A repercussão da atitude de Tehmina chegou até Joe Canfield, o fundador e presidente do conselho diretor da empresa em que Sorab trabalhava. Na manhã de Natal, após Sorab ter conhecimento da façanha de sua mãe, o chefe ligou marcando uma jantar com a participação da heroína americana. Os repórteres vieram novamente em busca de mais notícias. Segundo o jornalista que havia entrevistado Tehmina, a sociedade buscava por novidades. As notícias sobre violência e guerras estavam diariamente em destaque. As pessoas queriam mais humanidade nas páginas jornalísticas. Tehmina recebia cartas de lugares distantes. Até mesmo a prefeita do bairro em que morava havia ligado para cumprimentá-la. O jantar na casa de Joe havia sido um momento crítico para Sorab, pois Grace Butler e o noivo também tinham sido convidados. Porém, as atitudes dos anfitriões mostravam que eles estavam insatisfeitos com o comportamento de Grace frente à empresa. Joe ficara sabendo que ela havia mudado a conduta da empresa em relação à escolha dos períodos de férias no início do ano, o que impossibilitou que Sorab gozasse da semana que havia programado. Joe conversou sigilosamente com Sorab, numa sala

reservada, e este, ao entrar no carro depois do jantar, gargalha e comenta sobre uma possível promoção.

#### 2.4 O DOCE ROMANCE DE THRITY UMRIGAR

No romance *A doçura do mundo*, o casal de protagonistas, Tehmina e Rustom, ambos indianos, apresentam alguns valores diferenciados da cultura de seu país. Tehmina recebeu de seus pais uma educação conservadora e rígida.

A mulher indiana tinha como finalidade única casar-se e cuidar do marido, dos filhos e da casa. Rustom também recebera educação indiana tradicional, porém, não via a mulher como uma serviçal, e sim como companheira, reconhecendo, assim, seu valor na sociedade. No romance, Rustom, depois da morte, ajudou Tehmina a seguir seu caminho sem a presença dele, fazendo-a descobrir quem realmente era e a tomar suas próprias decisões para que fosse independente. Isso pode ser observado no início do romance, no prólogo, em que Rustom se despede de Tehmina e relata seus sentimentos após sua morte, ajudando-a, assim, a superar sua falta.

JÁ NÃO ME ENCONTRO AQUI. Está acontecendo. Ela não sente mais minha presença no quarto, não consegue sentir o derradeiro beijo que lhe dou na testa. É assim que deve ser.

[...] Fiz minha parte.

[...] Agora, ela deixou para trás todos os meses de alvoroço e inquietude, tormento e preocupação. Percebo-o em seu rosto, o alívio da decisão (UMRIGAR, 2008, p.07).

[...] A verdade é que minha amada já não precisa que eu lhe aponte nenhuma dessas profundezas. É a arquiteta de sua própria existência.

[...] Sou- fui- Rustom Sethna, e fui casado com uma mulher tola. Uma mulher que me adorava a tal ponto, confiava tanto em minha força que se esquecia de medir seu próprio valor, sem nunca saber que carregava o mundo, o meu mundo, na palma da mão.

[...] Fiz minha parte para ajudá-la a moldar sua história.

[...] impacientei-me e lhe dei aquele maldito empurrão que a fez pular a droga da cerca. Mas a queda livre, o salto cego, o lindo vôo para seu novo futuro, bem, isso foi tudo obra dela (UMRIGAR, 2008, p. 09).

Ao longo da narrativa, por diversas vezes, Tehmina reencontra seu falecido marido, na intimidade de seu quarto, e este a conduz e apoia na tomada de decisões. A imagem de Rustom somente começa a desaparecer quando Tehmina pula a cerca que divide a casa do filho com a da vizinha Tara para ajudar as crianças Josh e Jerome: “[...] ali estava ela, com seu corpo idiota, troncho e envelhecido, presa numa cerca, com uma perna pendurada para cada lado” (UMRIGAR, 2008, p. 201). No *Dicionário de Símbolos*, assim é identificado o objeto muro:

Muro, Muralha: a muralha, ou a grande muralha, é tradicionalmente a cinta protetora que encerra um mundo e evita que nele penetrem influências nefastas de origem inferior. Ela tem o inconveniente de limitar o domínio que ela encerra, mas a vantagem de assegurar sua defesa, deixando, além disso, o caminho aberto à recepção da influência celeste.

Este simbolismo é familiar ao esoterismo muçulmano, mas também à tradição hindu: é a montanha circular Lokaloka, a muralha de rochedos que cerca o cosmo, no centro do qual se eleva o monte Meru. Ela é expressamente figurada pelas paredes exteriores dos templos e ainda pelas de uma cidade como Angkor-Thom: é, dizem as inscrições, uma montanha (GHEERBRANT; CHEVALIER, 2009, p. 626-627).

No romance, o ato de Tehmina pular a cerca simboliza a nova vida que estava se iniciando para a personagem. No momento em que ela transpõe os limites físicos da casa, também está transpondo seus próprios medos, a dependência que tinha em relação ao marido e, principalmente, as barreiras culturais entre Índia e Estados Unidos. Ela passa de seu espaço para o espaço do outro. E para isso ela

conta com a derradeira ajuda de Rustom, como se ele estivesse lá, presente fisicamente.

Ela se assustou ao ouvir a voz do marido, tão clara que parecia ter vindo de alguém parado às suas costas, [...] ela soltou as mãos agarradas na borda da cerca e, enquanto ia caindo, fez força para posicionar direito os pés na aterrissagem. Caiu meio de pé, meio ajoelhada (UMRIGAR, 2008, p. 202).

Após o ato de pular a cerca, Tehmina se assume como uma nova mulher, em sua nova condição: uma viúva, mãe, de origem indiana e que mora nos Estados Unidos. É a aceitação da nova identidade, mas, acima disso, é a aceitação da identidade e o entendimento do outro.

O casal criou o filho Sorab também com uma educação menos conservadora. Sorab sabia fazer os serviços da casa e via a mulher como companheira. O jovem saiu da Índia para estudar nos Estados Unidos e acabou se casando com Susan, uma norte-americana de valores bem liberais.

Susan virou-se para trás no banco:

- Por que você não criou seu filho desse jeito? Por que ensinou o Sorab a cozinhar, a fazer a limpeza e todas as outras coisas que nenhum dos amigos indianos dele sonharia fazer?

- Isso foi obra do pai dele – veio a resposta imediata, - acho que não tenho nenhum mérito no assunto. Foi assim que o meu Rustom foi criado, sabe, e ele insistia em que o filho fosse capaz de cuidar de si. É possível que as únicas brigas que tivemos tenham sido por causa disso (UMRIGAR, 2008, p. 136).

Tehmina lembra que queria que seu filho casasse com uma mulher parse. Ela se recorda das palavras de seu marido ao explicar-lhe que Sorab estava feliz e iria se estabelecer nos Estados Unidos. Isso mostra mais uma vez a atitude menos conservadora de Rustom em relação à escolha feita por seu filho, quando se casou com Susan. Para ele não importava se a escolhida era norte-americana. Ele

respeitava a decisão de Sorab: “Tehmina, não lute contra o destino, querida. Nosso filho está apaixonado. Está feliz. Encontrou alguém que o faz feliz. Isso é uma boa notícia, não uma tragédia” (UMRIGAR, 2008, p.195).

Pode-se observar que, mesmo na Índia, onde se sabe que o indivíduo recebe uma educação conservadora, há exceções e variações de comportamento, de pensamento. Isso revela, novamente, as várias identidades encontradas em um mesmo ambiente e suas oscilações ao longo do tempo e das experiências adquiridas.

No romance, Sorab e seu pai são indianos com atitudes e comportamentos mais maleáveis, adquiriram uma identidade mais flexível em relação aos costumes e crenças indianas. A personagem Susan expõe seus sentimentos em relação aos homens “É isso que amo em você. Em todos vocês, os homens parses, com a sua veia sentimental” (UMRIGAR, 2008, p. 143). Já a personagem Sorab se autocensurava por ser sentimental. Achava que isso era ser frouxo. E isso vinha da concepção machista norte-americana com a qual tivera contato. Os Estados Unidos faziam-no fugir daquele sentimentalismo indiano que experimentara em Bombaim. Ali, na América, os homens não poderiam colocar suas emoções à vista. Sorab lembrava-se de seu pai que chorava, quando assistia aos filmes melodramáticos de Bollywood, e da vergonha que sentia ao vê-lo chorando. Susan defendera Rustom da crítica do filho, valorizando o sogro como homem.

Eu lembro que, quando garoto, costumava ficar chocado: lá estava meu pai, você sabe, aquele sujeito grande e musculoso, e a gente se sentava para assistir a uma porcaria de um melodrama de Bollywood na televisão, e ele soluçava abertamente. Até a mamãe, e você sabe como ela é emotiva, até ela ficava escandalizada com a descontração com que papai chorava num filme. Eu vivia sempre tão sem graça, que não me atrevia a convidar um amigo para me visitar quando assistíamos à televisão (UMRIGAR, 2008, p. 144).

Tais comportamentos denunciam que a família de Tehmina e Rustom não era um modelo de família tradicional indiana, visto que apresentava um comportamento diferenciado, se comparada a outros grupos familiares.

### 3 REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM A DOÇURA DO MUNDO

A história da vida das mulheres tem sido assunto de amplo estudo da parte de pesquisadores e desperta o interesse da sociedade em geral.

Diariamente são levados ao conhecimento da sociedade notícias, reportagens e artigos sobre acontecimentos que envolvem a mulher e o meio em que vivem. Fatos são relatados, por veículos jornalísticos, que descrevem atos de barbárie contra as mulheres em diferentes partes do mundo. Atualmente, em rede nacional, há um olhar mais atento para as mulheres na Índia. Várias reportagens mostram a cultura desse povo, ressaltando o papel secundário que a mulher tem nessa sociedade. Sabe-se que a Índia é o país que conta com o menor número de nascimento de bebês do sexo feminino, devido ao aborto seletivo. As autoridades proíbem o exame de ultrassom para que esse grande número diminua. Porém, sabe-se que existem clínicas clandestinas que fazem o exame para verificar o sexo e, em seguida, fazem o aborto no caso de ser feto feminino. Na cultura da Índia, nascer mulher é uma desgraça, falta de sorte, porque os pais precisam pagar dotes para que a filha se case já com seus 10 ou 11 anos. E, se a filha ficar solteira, não terá direito à herança da família e se tornará um incômodo.

Em reportagem *online* do jornalista brasileiro Luis Nassif, também se encontram alguns relatos dos problemas que a mulheres enfrentam na Índia.

‘É um milagre que uma mulher sobreviva na Índia. Mesmo antes de ela nascer, ela corre risco de ser abortada devido à nossa obsessão por filhos homens’, disse Shemeer Padinzjharedil que dirige a Maps4aid.com, um site que mapeia e documenta crimes contra a mulher (NASSIF, 2012, p. s/n).

O indiano Padinzjharedil também relata sobre o que uma mulher enfrenta na Índia, desde criança até o momento em que fica viúva.

Quando criança, ela enfrenta o estupro, abusos e o casamento precoce, e até mesmo quando ela se casa, ela é morta por dote. Se ela sobrevive a tudo isto, como viúva, é discriminada e não tem nenhum direito sobre herança ou propriedade (NASSIF, 2012, p. s/n).

O colunista Ricardo Setti, em reportagem para a revista *Veja* de 25 de agosto de 2011, escreve sobre os horrores que as mulheres vivem na Índia. Setti menciona a entrevista do economista Parvinder Singh, diretor de comunicação da filial indiana da organização humanitária internacional *Action Aid*, ao jornal espanhol *La Vanguardia* de 25 de agosto de 2011, relatando detalhes sobre o sofrimento das mulheres nesse país. Singh revela a violência machista, fala sobre a epidemia de Aids entre as mulheres, o preconceito que a doença gera e o aborto seletivo por sexo, ocasionando a diminuição de mulheres nos informes demográficos do país.

Devido à dimensão da Índia, o levantamento da população só é feito a cada dez anos. Segundo o último censo indiano, realizado em 2011, há 37 milhões de homens a mais do que mulheres. Singh diz que, nas castas mais altas, “há mulheres que ficaram grávidas cinco ou seis vezes e foram abortando até nascer o macho”. Como consequência do aborto seletivo, há uma geração de jovens que não encontram mulheres para casarem, provocando uma crise social e o tráfico de meninas de classes inferiores para serem escravas sexuais.

Atualmente, com a informatização e o avanço tecnológico, a população tem conhecimento sobre tais abusos e atentados contra as mulheres. Esse assunto abrange grande parte de toda população, determinando, assim, que se encontrem soluções para que não haja discriminações e desconhecimento de fatos brutais envolvendo seres humanos. No romance, como a personagem principal é uma mulher indiana, que se casou e teve um filho homem, ela é uma vitoriosa na concepção de vida dos indianos.

A ONU Mulheres, entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres, criada em 2010, trabalha com as premissas fundamentais de que as mulheres e meninas, ao redor do mundo, têm o direito a uma vida livre de discriminação, violência e pobreza e de que a igualdade de gênero é um requisito central para se alcançar o desenvolvimento. A referida instituição teve como subsecretária geral e diretora executiva a ex-presidente chilena, Michele Bachelet, que traz um histórico como líder visionária e defensora da justiça social e dos direitos das mulheres.

No dia 10 de julho de 2013, foi nomeada a nova diretora executiva, a senhora Phumzile Mlambo Najcuka, da África do Sul (ONU, 2014, p. s/n).

Essa organização, que defende a participação equitativa das mulheres em todos os aspectos da vida, foca seu trabalho em cinco áreas prioritárias:

- Aumentar a liderança e a participação das mulheres.
- Eliminar a violência contra as mulheres e meninas.
- Engajar as mulheres em todos os aspectos dos processos de paz e segurança.
- Aprimorar o empoderamento econômico das mulheres.
- Colocar a igualdade de gênero no centro do planejamento e dos orçamentos de desenvolvimento nacional (ONU, 2012, s/n ).

Todo o material teórico que alicerça o planejamento de ações elaborado pela ONU está disponível em *sites* divulgados pela organização para que a população tenha acesso aos serviços.

### 3.1 A FIGURA DA MULHER E SUAS MÚLTIPLAS FACES

Em um de seus mais belos e comoventes romances, *A doçura do mundo*, a escritora Thrity Umrigar traz um olhar feminino sobre questões femininas,

representativas de uma parcela do povo indiano, oprimida e silenciada devido a arraigados valores culturais.

Segundo Elaine Showalter, em seu artigo *A crítica feminista no território selvagem*, as mulheres têm ficado fora da história porque são sempre vistas pelo olhar masculino. Para Showalter, a escrita feminina não apresenta marcas que a diferencie da escrita masculina, pois a “[...] teoria da cultura incorpora idéias a respeito do corpo, da linguagem e da psique da mulher, mas interpreta em relação aos contextos sociais nos quais elas ocorrem” (SHOWALTER, 1994, p. 44).

Showalter ainda acrescenta que as maneiras pelas quais as mulheres conceituam seus corpos, suas funções sexuais e reprodutivas estão relacionadas com seus ambientes culturais. Ao lançar um romance cuja protagonista é uma mulher indiana, Umrigar coloca em evidência não só uma figura feminina fragilizada por uma cultura machista e opressora, Tehmina, como também realça a sua própria condição como mulher, escritora e da mesma origem que sua personagem. Aqui cabe lembrar que a escritora Thrity Umrigar é uma mulher indiana, que passou a viver em uma nova terra e por ela foi acolhida.

A personagem Tehmina representa essa mulher que transita entre duas culturas díspares, a indiana e a norte-americana, o que gera seus conflitos como mãe e como mulher, mas também propicia sua derradeira redenção. Como a sociedade indiana remete-nos a uma sociedade patriarcal, Tehmina é a personagem que representa o conceito de gênero. O termo “gênero” traz grandes avanços na teoria feminista. Segundo Susana Borneo Funk, em seu artigo *Da questão da mulher à questão do gênero*, esse termo tem sido usado para os discursos feministas como um significado social, cultural e psicológico imposto sobre a identidade biológica. Ela acrescenta que “[...] o termo gênero tem a vantagem prática de nos permitir falar

tanto sobre mulheres quanto sobre homens” (FUNK, 1994, p. 20). Os papéis do gênero são definidos pela sociedade, dependendo do momento histórico e da cultura da pessoa. Eles variam de povo para povo e de época para época. Isso é representado no romance, pois a postura de Tehmina, personagem principal, sofre as mudanças de acordo com o meio em que ela se encontra no decorrer da história.

Teresa de Lauretis, renomada autora italiana de diversos livros e ensaios sobre teoria feminista, também discute sobre gênero, em seu artigo *A tecnologia do gênero*. Ao comparar o termo “gênero”, em diferentes gramáticas e diferentes línguas, ela verificou que:

[...] o termo gênero é uma representação não apenas no sentido de que cada palavra, cada signo, representa seu referente seja ele um objeto, uma coisa, ou um ser animado. O termo gênero é, na verdade, a representação de uma relação, a relação de pertencer a uma classe, um grupo, uma categoria. Gênero é a representação de uma relação [...] o gênero constrói uma relação entre uma entidade e outras previamente constituídas como uma classe, uma relação de pertencer [...]. Assim, gênero representa não um indivíduo e sim uma relação, uma relação social: em outras palavras, representa um indivíduo por meio de uma classe (LAURETIS, 1994, p. 210 – 211).

A personagem Tehmina pertence a uma classe, uma categoria, um grupo: as mulheres indianas. Ela representa esse grupo de mulheres que crescem com certos valores e vão se modificando através dos tempos. Lauretis também comenta sobre as concepções de masculino e feminino. Para ela, “[...] gênero não é sexo, uma condição natural, e sim a representação de cada indivíduo em termos de uma relação social preexistente ao próprio indivíduo e predicada sobre a oposição ‘conceitual’ e rígida (estrutural) dos dois sexos biológicos” (LAURETIS, 1994, p. 211). O romance traz exemplos do comportamento de mulheres, homens e crianças que vão se desenvolvendo e modificando, ao longo da narrativa, de acordo com o

sistema em que estão inseridos. Tais mudanças encontram respaldo nas palavras de Lauretis, quando afirma que:

Todos os seres humanos são classificados, formam, dentro de cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais (LAURETIS, 1994, p. 211).

No romance, os diversos espaços sociais estão povoados por diferentes pessoas, em conformidade com seus valores, porém em constante processo de transformação. Isso é reforçado por Lauretis, ao afirmar que:

[...] o sistema de sexo-gênero é tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.) a indivíduos dentro da sociedade (LAURETIS, 1994, p. 212).

Em seu artigo intitulado *Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista*, a crítica Jane Flax também analisa as relações de gênero. Para ela as relações de gênero são oriundas das relações sociais e dos processos históricos, visto que a sociedade e a história provêm de um sistema patriarcal, em que o dominante é o homem e o dominado, a mulher. Ela acrescenta que a meta da teoria feminista é analisar as relações de gênero, como são constituídas e experimentadas e como as pessoas pensam ou não sobre elas. Enfatiza que as relações de gênero são consideradas características femininas, porém, espera-se que o estudo das relações de gênero abranja uma totalidade de relações sociais sobre o modo de as pessoas pensarem e agirem (FLAX, 1992, p. 219 – 220).

No romance, Tehmina assume sua vida e toma as decisões que julga serem corretas, relacionando-se com todos que estão ao seu redor. Ela aprende a ver a nora, o filho e o neto do jeito que são e deixa clara a sua existência. É isso que as

relações de gênero comprovam. A interação com a sociedade e com o meio cultural forma a identidade do ser. Flax comenta sobre as transformações ocorridas nos Estados Unidos, uma estrutura instável que está sofrendo mudanças:

Os movimentos feministas contemporâneos estão em parte baseados em transformações na experiência social que questionam amplamente categorias comumente aceitas de significação e explicação sociais. Nos Estados Unidos, tais transformações incluem mudanças na estrutura da economia, na família, no lugar dos Estados Unidos no sistema mundial, na decadente autoridade de instituições sociais anteriormente poderosas e na emergência de grupos políticos que têm idéias e demandas cada vez mais divergentes quanto à justiça, igualdade, legislação social e papel adequado do estado. Em um tal universo “descentralizado” e instável, parece plausível questionar uma das facetas mais naturais de existência humana (FLAX, 1992, p. 226).

Assim como os Estados Unidos sofrem transformações no seu dia a dia, os seres humanos também se transformam. E essa mudança compreende um processo em cadeia que repercute em todos. Flax ratifica isso ao afirmar que:

As relações de gênero são uma categoria destinada a abranger um conjunto complexo de relações sociais, bem como a se referir a um conjunto mutante de processos sociais históricos variáveis. O gênero, tanto como categoria analítica quanto como processo social, é relacional. Ou seja, as relações de gênero são processos complexos e instáveis (ou “totalidades” temporárias na linguagem dialética) constituídos por e através de partes inter-relacionadas. Essas partes são inter-dependentes, ou seja, cada parte não tem significado ou existência sem as outras (FLAX, 1992, p. 228).

A cultura indiana está repleta de valores, valores esses que Tehmina recebeu de sua família e que, depois do casamento, prolongaram-se no convívio com o marido e ao formar a sua própria família. Após a morte deste, ela tem a opção de seguir sua vida na Índia ou se mudar para os Estados Unidos. Ao analisar o

comportamento das mulheres nos mais diversos contextos em que se encontram, Gerda Lerner afirma:

É importante compreender que a ‘cultura das mulheres’ não é e não deve ser vista como subcultura. [...] As mulheres vivem sua existência social dentro da cultura geral e, sempre que são restringidas pela repressão ou segregação patriarcais ao isolamento (que sempre possui subordinação em seu propósito), transformam essa restrição em complementaridade (defendendo a importância da função da mulher, até mesmo de sua ‘superioridade’ e a redefinem). Deste modo, as mulheres vivem uma dualidade – como membros da cultura geral e como cúmplices da cultura das mulheres (LERNER citado por SHOWALTER, 1994, p. 46).

No romance, Tehmina vive essa dualidade. Ela pertence à cultura indiana, uma cultura baseada no patriarcalismo, em que as mulheres são silenciadas, porém migra para uma cultura na qual os direitos entre homens e mulheres caminham para a igualdade. Ao fazer com que sua personagem transponha o “território selvagem”, termo que Showalter usa para explicar que “a mulher pode escrever a seu modo, fora dos ‘limites restritos do espaço patriarcal” (SHOWALTER, 1994, p. 49), a escritora também o transpõe, deixando-se entrever, em seu discurso feminino, uma visão feminina de mundo. Showalter acrescenta ainda que, ao fazer isso, essa mulher pode “cruzar para o outro lado do espelho, como Alice no País das Maravilhas” (p. 49).

A transformação pela qual Tehmina passa simboliza seu renascimento. Quando ela toma suas decisões, está reescrevendo a sua história, e os antigos valores serão filtrados por essa nova mulher que surge. O momento final, em que Tehmina pede para a amiga Eva ensiná-la a dirigir, é emblemático à medida que representa tal mudança: “- Deixe de ser boba. Mas, falando sério, escute. O que eu quero pedir é o seguinte – anunciou. Respirou fundo, expeliu o ar e disse, ciente de que a pergunta validaria sua decisão de ficar. – Eva, você me ensina a dirigir?”

(UMRIGAR, 2008, p. 302). Ao decidir ficar nos Estados Unidos, ela se propõe a transpor não somente as barreiras culturais, mas as suas próprias barreiras, aquelas erguidas ao longo de uma vida selada pela condição de ser uma mulher indiana.

Na narrativa, a presença da personagem Eva dá visibilidade a outro grupo de pessoas : os judeus que moram nos Estados Unidos. Os judeus são a minoria e por isso representam um grupo diferenciado que vive nos Estados Unidos.

Segundo pesquisas, a vida dos judeus nos Estados Unidos foi marcada por muita intolerância religiosa e sem reconhecimento a seus direitos civis. A maior imigração foi datada em 1654, quando um grupo de judeus chegou à Ilha de Manhattan. Esse primeiro grupo se uniu aos poucos judeus que já habitavam a Ilha e juntos organizaram comunidades de acordo com as tradições judaicas. Eles trabalhavam como açougueiros, ferreiros, importadores ou vendedores ambulantes a fim de garantir a sobrevivência na nova terra. Apesar de as autoridades permitirem a entrada dos judeus, eles não podiam construir sinagogas. Somente décadas mais tarde, tiveram a permissão de erguer suas casas e sinagogas. Estas eram lugares onde se realizavam atividades sociais e filantrópicas. Segundo historiadores, as sinagogas foram as principais responsáveis pela manutenção e união dos judeus durante os primeiros anos da história judaico-americana.

Após a independência dos Estados Unidos, em 1776, os judeus americanos tiveram as liberdades civil e religiosa asseguradas. No periódico *Morasha*, o presidente George Washington afirmou que “todos os habitantes de cada segmento étnico que compunha o país estavam totalmente sob a proteção da nova república americana” (MORASHA, 2014, p. s/n).

Apesar de a imigração de judeus e de outros povos para os Estados Unidos ser um processo constante, respaldado por leis nacionais, até hoje se ouvem relatos da não aceitação de imigrantes pela grande maioria dos americanos.

### 3.1.1 Lembranças de mulher

O romance *A doçura do mundo* mostra as diferenças socioculturais entre a personagem Tehmina, a mulher indiana que possui determinado tipo de vida e precisa decidir o que vai fazer após a morte do marido Rustom, e as outras personagens femininas de origem norte-americana ou que lá vivem: Susan, a nora americana de Tehmina; Eva, amiga judia dos Estados Unidos; Tara, a vizinha que maltrata os filhos pequenos; a mulher do chefe de Sorab e Grace Butler a chefe direta de Sorab. O comportamento sociocultural dessas mulheres será analisado, buscando-se compreender o universo feminino presente na obra e sua diversidade, aspecto este primordial na constituição do enredo.

Tehmina era filha única de um médico e cresceu em Calcutá. Com ajuda de um programa escolar, enquanto cursava a quinta série, ela começou a se corresponder com Nilu Sukharwala, que morava em Bombaim. Quando Tehmina estava com vinte e cinco anos, implorou ao pai para visitar sua correspondente. Nilu já havia estado em Calcutá anteriormente e contado a ela histórias sobre os astros e as estrelas de cinema, e sobre a praia de Juhu, que servira de cenário para os filmes de Bollywood. O pai de Tehmina tinha permitido a viagem, porque a mãe de Nilu havia escrito uma carta, prometendo cuidar de Tehmina como se ela fosse uma pessoa da família. Como estava nervoso, na estação ferroviária, ele fez com que um casal de idosos gujarati<sup>13</sup> promettesse tomar conta da filha durante a viagem. Foi a primeira vez que Tehmina ficou longe de casa. O narrador relata sobre o prazer que

---

<sup>13</sup> Uma língua indo-ariana, um dos 22 idiomas oficiais da Índia.

ela sentira ao se perceber livre: “Tehmina tinha ficado sem graça, mas, logo após a partida do trem, o prazer inesperado da liberdade, de estar longe de casa pela primeira vez, havia suplantado todos os outros sentimentos” (UMRIGAR, 2008, p.116).

Em Bombaim, na casa de Nilu, Tehmina percebeu que os pais dela não eram tão rígidos como a carta da mãe de Nilu havia demonstrado. A amiga havia preparado uma festa e convidado muita gente. Tehmina pensava: “Estou em Bombaim, ela repetia para si mesma. Toda essa gente é de Bombaim. Tudo o que ela já ouvira dizer dos habitantes de Bombaim parecia ser verdade – aquelas pessoas eram mais maduras, mais sofisticadas e mais corteses que seu grupo de Calcutá” (UMRIGAR, 2008, p. 117).

Na festa, Tehmina ficava olhando em direção à porta, para ver se não entrava nenhuma estrela de cinema. Portanto, ela viu quando Rustom entrou, parecendo estar perdido em meio a tantos convidados. Os olhares se cruzaram e ela foi até onde o rapaz estava. Tehmina se apresentou ao rapaz, de quem já tinha ouvido falar pela amiga de Nilu que morava em Calcutá. Esse trecho que relata o primeiro encontro dos dois jovens revela que Tehmina tinha atitude, pois não esperou que o rapaz fosse até ela. Tomou a iniciativa de ir ao encontro do rapaz que acabara de chegar à festa. Isso confirma o que Rustom pensava quanto à personalidade de sua mulher: Tehmina não era uma mulher tímida, medrosa. Ela tinha iniciativa.

A personagem refletia sobre como a cultura de um lugar moldava a personalidade daqueles que nele viviam e se lembrava dos limites que sua mãe lhe impunha.

A mulher não devia se olhar no espelho, para que os outros não a julgassem fútil; nunca devia reclamar de nada em sua vida, porque havia milhões de pessoas em pior situação; devia cobrir a boca ao rir, porque, de outro modo, os homens a considerariam promíscua; devia contentar-se com o que Deus lhe desse, porque esse era o seu destino; nunca devia comer na rua, para não despertar a atenção e a inveja dos famintos a seu redor; nunca devia gabar-se de ter dinheiro, para não provocar inveja nos vizinhos (UMRIGAR, 2008, p. 157).

A jovem havia tido uma criação rígida, machista, em que prevalecia a cultura indiana naquilo que ela tinha de mais severo. Já Rustom, que também era indiano, demonstrava ter uma postura maleável com a vida. Anos mais tarde, ela mesma, lembrando-se dos limites impostos pela mãe, agradece ao marido por tê-la influenciado a repensar seus valores. Nos Estados Unidos, ela conseguia se sentir livre, o que não acontecia em Bombaim. “O simples ato de tomar um sorvete de casquinha na rua, sem ser seguida pelos olhos esfaimados de uma centena de crianças, era uma liberdade, um luxo que ela nunca havia experimentado nas ruas de Bombaim” (UMRIGAR, 2008, p. 157-158).

Morando nos Estados Unidos, Tehmina experimentara um sentimento de liberdade nunca antes vivenciado. Toda a tensão em relação aos homens e à sua sexualidade desapareciam, ao contrário de sua postura em Bombaim:

Nos Estados Unidos, ela nunca se sentira olhada com cobiça por rapazes sedentos de sexo, não ficava constrangida com seus seios, não vivia aflitivamente cônica de seu corpo de mulher, não andava com a postura tensa e resguardada que lhe era costumeira em sua terra. E, embora isso fosse difícil, vinha se obrigando a se olhar no espelho, ao correr a mão pelo cabelo num banheiro público (UMRIGAR, 2008, p.158).

Isso mostra que Tehmina, apesar de ter um temperamento forte, recebera uma educação opressora, respaldada em diversas crenças. Essas crenças passam a ser questionadas pela mulher depois da morte de seu marido, quando se encontra

inserida em um universo muito diferente daquele em que nascera. O marido, apesar de saber que ela era capaz, passou a vida protegendo-a, pensando por ela. Com a morte do marido, o filho a recebe em casa, porém as atitudes dele e da nora não permitem que ela tenha sua própria voz. Todos pensam saber o que é melhor para ela. Todos querem decidir por ela e acham que o melhor para Tehmina é viver nos Estados Unidos. Percy, seu filho adotivo, incumbiu-se de fazer a documentação para que ela pudesse morar legalmente nos Estados Unidos. Na festa dos amigos indianos, ele interroga Tehmina:

Mamãe – interrompeu Percy -, qual é o problema, se posso perguntar? Seu único filho está aqui nos Estados Unidos, seu neto está aqui. E, agora o tio Rustom... quero dizer, com tudo o que aconteceu no ano passado, você não tem ninguém em Bombaim. Sua família inteira está aqui. Não acha que faz sentido você estar onde tem pessoas que a amam? (UMRIGAR, 2008, p. 159).

Além de Sorab e Susan, Percy também queria que Tehmina decidisse viver nos Estados Unidos e acrescenta: “Precisamos de você aqui, Yaar, o Sorab e eu” (UMRIGAR, 2008, p. 161).

Em conversa íntima entre Sorab e sua mulher, esta também deixa claro que Tehmina deveria ficar nos Estados Unidos. Ela diz a Sorab:

É a coisa certa a fazer. Ela está com o quê: sessenta e cinco, sessenta e seis anos? Não pode ficar morando sozinha naquele apartamento, de forma alguma. É provável que nem saiba pagar a conta da luz. Você sabe que o papai fazia tudo. E você vai ficar louco de preocupação toda vez que ela tiver um resfriado ou uma dor no estômago. Não, é claro que ela tem que se mudar para cá (UMRIGAR, 2008, p. 186).

Tehmina, quando morava na Índia com Rustom e vinha visitar o filho nos Estados Unidos, tinha uma relação de hóspede com o jovem casal. A palavra “hóspede”, de acordo com o *Dicionário Houaiss*, significa “alguém que é recebido,

por um determinado tempo, dentro de um espaço regido por costumes e regras” (HOUAISS, 2011, p. 506). Depois da morte do marido, Tehmina poderia escolher se ficaria na Índia, junto de seus conhecidos, no ambiente que lhe era familiar, ou iria morar nos Estados Unidos, perto de seu filho, neto e nora. Ela não ficaria mais por um determinado tempo somente, mas sim por toda sua vida.

Para a psicanalista e escritora Julia Kristeva, o estrangeiro não somente é ambigualmente a imagem do outro, da alteridade, mas é também aquele que vive dentro de nós, entre nós. Kristeva ratifica dizendo:

[...] o estrangeiro não é nem a vítima romântica de nossa preguiça habitual, nem o intruso responsável por todos os males da cidade. Nem a revelação a caminho, nem o adversário imediato a ser eliminado para pacificar o grupo. Estranhamente, o estrangeiro habita em nós, ele é a face oculta da nossa identidade (KRISTEVA, 1994, p. 10).

No romance, Tehmina não quer aceitar os Estados Unidos como nova morada. A indecisão faz com que ela aponte tudo que está ao seu redor como diferente, estranho e até mesmo negativo. Ela não quer deixar de se sentir estrangeira no país, assim, ela acredita que está preservando sua identidade de mulher indiana. Essa postura de Tehmina em relação a permanecer uma estrangeira está cristalizada nas palavras de Kristeva, quando afirma: “O estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades” (KRISTEVA, 1994, p. 10).

Aos poucos, Tehmina aceita a condição de viver nos Estados Unidos. Após muitas incursões ao passado, analisando, comparando Índia e Estados Unidos, ela decide ficar, confirmando o que Kristeva preconiza: “A modificação da condição de estrangeiros [...] leva a refletir sobre a nossa capacidade de aceitar novas formas de

alteridade. Nenhum ‘código de nacionalidade’ poderia ser praticável sem a lenta maturação dessa questão em cada um de nós” (KRISTEVA, 1994, p. 9-10).

A personagem sente-se uma estrangeira nos Estados Unidos. Eva tenta convencê-la de que ela já não pode mais ser chamada de estrangeira, pois ela está envolvida nas questões do país, conhece o dia a dia dos norte-americanos. Ou seja, ela não tem apenas uma percepção superficial sobre o país. Eva diz:

Estrangeiro é quem vem aos Estados Unidos, tira umas fotos da Estátua da Liberdade, anda no bondinho de São Francisco e volta para casa achando que conhece o país; isso é que é um estrangeiro. Mas você e seu falecido marido estiveram aqui tantas vezes, que você sabe o preço do leite na mercearia (UMRIGAR, 2008, p. 38).

Tehmina mostra a dualidade de seus sentimentos e sua indecisão. Por um momento, sente-se ingrata pelo fato do filho querê-la por perto e ela resistir. O sentimento de família interiorizado na personagem desabrocha: “Uma parte de mim quer ficar e ajudar... você sabe ajudar a aliviar o fardo de meus filhos. Tenho vontade de cozinhar para Sorab, estar em casa quando o Cookie chega da escola” (UMRIGAR, 2008, p. 39). E, em outro momento, novamente Tehmina expressa seus sentimentos sobre ficar morando com o filho:

Apesar de todos os esforços do Sorab, não consigo deixar de me sentir um ornamento, uma peça decorativa. Quase como um embrulho que alguém tivesse largado na porta dele. Acho... o que eu estou dizendo, Eva, é que...não me sinto necessária aqui (UMRIGAR, 2008, p. 39).

Ela ainda não sabe que lugar ocupar. Em seus pensamentos, ela oscila entre sua vida em Bombaim e em Ohio, junto de sua família.

No romance, Tehmina está vivendo um período de luto pela morte de seu marido. Segundo o *Dicionário Houaiss*, “luto” é uma palavra que significa “mágoa,

tristeza, perda de alguém” (HOUAISS, 2011, p. 598). O luto também pode ser a perda de um objeto, de uma ideia ou de alguma coisa importante. Segundo Elisabeth Kübler-Ross, há cinco estágios de luto. Ela diz que os estágios nem sempre ocorrem na mesma ordem e que nem todos são experimentados por todas as pessoas, mas ela afirma que uma pessoa sempre apresentará pelo menos dois estágios de luto.

O primeiro estágio descrito por Kübler-Ross é chamado de “negação e isolamento”. É o estágio em que se descobre a doença. Os mecanismos de defesa do corpo humano agem contra a dor psíquica diante da morte. A intensidade e duração desses mecanismos de defesa dependem de como a própria pessoa que sofre e as outras pessoas ao seu redor são capazes de lidar com essa dor. A pesquisadora comenta que “a negação funciona como um pára-choque depois de notícias inesperadas e chocantes, deixando que o paciente se recupere com o tempo, mobilizando outras medidas menos radicais” (KÜBLER-ROSS, 1996, p. 52). No romance, logo no primeiro capítulo, quando Tehmina e a nora estão sentadas no jardim, apreciando o dia, ela se recorda das antigas visitas que havia feito para o filho nos Estados Unidos. E menciona que, dessa vez, estava diferente. Ela já tinha consciência que seu marido não estava mais presente:

[...] durante suas visitas anteriores aos Estados Unidos – serena, risonha, feliz. Dessa vez, havia algo diferente, faltava alguma coisa, e Tehmina sabia exatamente o que – quem – estava faltando. Seu amado e falecido Rustom não estava com ela dessa vez (UMRIGAR, 2008, p. 12).

O segundo estágio é a “raiva” e ocorre devido à impossibilidade de o Ego manter a Negação e o Isolamento. Nessa fase, a pessoa expressa raiva daquilo que ocorre. Todo o ambiente a sua volta sofre modificações e surgem sentimentos de revolta, inveja e ressentimento. Kübler-Ross cita uma fala recorrente de quem está

passando pelo sofrimento: “Não, não é verdade, isso não pode acontecer comigo” (KÜBLER-ROSS, 1996, p. 63). Ou então as palavras: “Por que eu?” (p. 63). Há um trecho no romance em que Tehmina expressa o sentimento de raiva por não estar mais com seu marido. Ainda no primeiro capítulo, quando a nora e ela conversam sobre o passado, o narrador revela que Tehmina:

Teve vontade de dizer: Quando você tiver conhecido e amado o Sorab por tanto tempo quanto amei meu marido, saberá o que é sentir saudade de alguém de uma forma tão intensa, que é como se nossos próprios órgãos nos traíssem. O coração, a pele, o cérebro, todos se transformam em traidores (UMRIGAR, 2008, p. 14).

O romance apresenta outro trecho em que Tehmina conversa com sua amiga Eva e expressa seus sentimentos em relação ao luto pelo qual passara: “[...] somos uma família pequena, sem muitos primos ou tios, e eu me lembro bem de como me senti sozinha nos meses seguintes à morte do Rustom. Fez uma pausa, não querendo relembrar os dias difíceis que haviam sucedido o funeral do marido [...]” (UMRIGAR, 2008, p. 38).

O terceiro estágio, chamado de “barganha”, acontece após a pessoa ter deixado de lado a Negação e o Isolamento e começado a perceber que a raiva não resolveu a situação. Nesse momento, ela busca fazer acordos, negociações e promessas, para tentar não aceitar a verdade. A pessoa resolve mudar seu comportamento. Kübler-Ross acrescenta, exemplificando a relação entre pais e filhos:

Estamos acostumados com este tipo de reação porque acontece o mesmo com nossos filhos: primeiro exigem, depois pedem por favor. Podem não aceitar nosso ‘não’ quando querem passar uma noite em casa de algum amigo. Podem se zangar e bater os pés. Podem se trancar no quarto e demonstrar sua raiva nos rejeitando por algum tempo. Mas sempre terão outros pensamentos. Podem pensar em outra forma de abordar o problema, podem se oferecer para executar algum trabalho em casa que, em circunstâncias normais, jamais conseguiríamos que fizessem (KUBLER-ROSS, 1996, p. 95).

No romance, pode-se observar parte dessa “barganha” quando Tehmina e a nora estão conversando sobre as lembranças. A nora nota a tristeza da sogra e afirma saber o quanto era difícil para Tehmina superar a morte do marido. Tehmina responde: “- Eu sei querida, eu sei. E prometo me esforçar mais. É só que o meu Rustom era um esteio tão grande de força, que é como se alguma coisa dentro de mim houvesse desmoronado neste último ano” (UMRIGAR, 2008, p. 15).

A quarta etapa é a “depressão”. É a fase em que se experimenta um sentimento profundo de tristeza, culpa e medo. A pessoa sente uma necessidade de isolamento, toma consciência de que a perda é irremediável, que não adiantou negá-la, revoltar-se ou fazer barganha. A perda realmente ocorreu. O romance traz um exemplo disso quando Tehmina conversa com Eva sobre os momentos difíceis que haviam seguido ao funeral de Rustom. Ela conta a Eva: “Aqui tenho medo de ser sempre uma estrangeira, de nunca acostumar com todos esses hábitos” (UMRIGAR, 2008, p. 38).

No último estágio, chamado de “aceitação”, a pessoa aceita a situação, toma consciência de suas limitações e possibilidades. É o momento em que a pessoa aceita a perda com serenidade. No romance, percebe-se quando Tehmina aceita completamente que Rustom a havia deixado para sempre.

– Meu querido – murmurou. – Você está aqui?

Mas não houve resposta. E a textura desse silêncio era diferente. Tehmina o percebeu de imediato. Não era um silêncio que respirasse e ouvisse. Esse silêncio tinha um vazio, um oco em seu bojo. Rustom se fora. Tinha cumprido sua palavra. Dessa vez, realmente a havia deixado. Deixado aonde quer que suas decisões a levassem. De agora em diante ela estava sozinha (UMRIGAR, 2008, p. 297).

A morte de Rustom faz com que Tehmina passe pelo luto. Ao longo da narrativa, as várias fases do processo são experimentadas por ela. São momentos

de boas e más recordações, como aquelas em que se lembrava de como ele era, suas atitudes, seus pensamentos: “Seu amado e falecido Rustom não estava com ela dessa vez. Rustom com sua risada sonora e sua confiança ilimitada” (UMRIGAR, 2008, p. 12). A história também mostra o quanto foi difícil Tehmina viver em seu apartamento, nos primeiros meses, depois da morte do marido.

O luto também está relacionado com a pressão que Tehmina sofre para decidir onde quer ficar. Sorab, Susan, Percy e também os amigos indianos cobram a decisão de Tehmina e isso faz com que sintam que o luto, a tristeza pela perda, nos Estados Unidos, são sentimentos com prazo para acabarem, que não devem persistir por muito tempo. No carro, com Sorab e Susan, Tehmina conta a eles que havia sonhado com Rustom. Imediatamente, ela sente que o assunto não os deixava à vontade. Tinha a impressão de que o marido havia sido banido dentre eles:

É como se o Rustom tivesse sido banido da nossa vida, pensou. Toda vez que menciono o nome dele, pareço ter desrespeitado uma regra social, como se fumasse um cigarro num restaurante em que é proibido. Será que tudo nesse país tem prazo de validade? Até a tristeza e o luto? Foi o que a matriarca pensou (UMRIGAR, 2008, p. 136).

No romance, Tehmina passou sua vida cuidando da casa, de Rustom e se preocupando com o filho e também com Percy. Esse foi criado por Tehmina, desde quando completou seus doze anos, pois havia perdido a mãe para o câncer. Percy também havia seguido o caminho de Sorab. Foi estudar nos Estados Unidos e se formou em advocacia, com especialidade em imigração, porém, ao contrário de Sorab, já estava casado pela quarta vez. Tehmina e Rustom cuidaram do menino tratando-o como um filho. Ele demonstrava gratidão por ter sido acolhido na família. Conversando com Tehmina, recorda-se da morte da mãe e do medo de ficar ao lado

do pai. O pai de Percy teria sido agressivo com ele e Rustom o havia defendido.

Percy diz a Tehmina:

Lembra-se de como você e o tio Rustom me acolheram depois que a\_mamãe morreu? Enquanto eu viver, não me esquecerei do que você me disse no funeral dela. Eu estava chorando sem parar, não só por sentir falta dela, mas porque tinha pavor da ideia de morar sozinho com meu pai. [...] você foi a única que compreendeu o que eu estava sentindo. Lembra-se? 'Você nunca ficará sozinho, Percy' foi o que me disse. 'De hoje em diante, nós somos a sua família' (UMRIGAR, 2008, p. 161).

Percy, então, tinha um caminho a seguir. Tehmina e Rustom cuidaram dele como filho e o influenciaram, juntamente com Sorab, a viver nos Estados Unidos.

Susan, a nora norte-americana, trabalha fora além de cuidar da casa. O filho Cookie fica na escola em período integral, inclusive nas férias, com atividades extras. A personagem, em suas atitudes, demonstra sofrer de compulsão por limpeza, um transtorno que a leva a ter atitudes extremas de limpeza. Na passagem em que Tehmina prepara um jantar para amigos de Susan e Sorab, verifica-se isso. Depois de um dia inteiro trabalhando, Tehmina senta-se no sofá para comer e derruba alguns grãos de arroz no tapete. Susan percebe, desaprova o descuido e busca um aspirador portátil. Tal atitude revela não somente sua sobrecarga no dia a dia, como também sua compulsão.

[...] doze convidados, e Tehmina passara o dia inteiro na cozinha, preparando arroz com curry e camarão e Sali boti, a carne de carneiro com damasco. Talvez suas mãos estivessem trêmulas de cansaço, ou talvez fosse por ter bebido duas taças de vinho, mas, qualquer que tivesse sido a razão, alguns grãos de arroz haviam caído de seu prato no tapete da sala quando ela se sentara no sofá com o prato equilibrado no colo. E Susan se levantara no mesmo instante – Tehmina havia percebido os lábios da nora ficando tensos e apertados de desaprovação – e trouxera o aspirador portátil (UMRIGAR, 2008, p. 33).

A personagem Tehmina comenta sobre as mãos da nora, afirmando que são diferentes das mãos de mulheres indianas. Segundo Tehmina, elas são tipicamente americanas: “As mãos de Susan. Tehmina ainda se lembrava da primeira vez em que as vira, e se deslumbrava ao perceber como as mãos das norte-americanas eram grandes, masculinas e abrutalhadas – pendiam frouxas junto ao corpo, abertas, relaxadas” (UMRIGAR, 2008, p. 12).

Além das mãos, ela repara no olhar aflito de Susan: “O olhar aflito que ela exibía quase todo o tempo” (UMRIGAR, 2008, p.12). As mãos grandes, o olhar aflito e a compulsão por limpeza de Susan separavam Tehmina da nora. Para Tehmina Susan era uma americana fria e nunca seria quem ela tinha sonhado para o filho. Ao olhar para a nora, ela percebe as diferenças que existem entre seus mundos.

Tehmina sente a necessidade de aprender a dirigir. Esse pedido ela faz a sua amiga judia Eva, uma mulher casada, porém independente. O fato de querer dirigir está relacionado à sua busca por independência, de poder ir e vir por sua própria conta.

Eva é descrita como uma mulher “volumosa” (UMRIGAR, 2008, p. 29). Tehmina a compara com um “iate” (UMRIGAR, 2008, p. 29) e acredita que, se Eva estivesse na Índia, ela teria vergonha de ser vista com uma mulher tão grande. Apesar disso, ela se sentia bem com Eva. Era bem humorada, uma pessoa que gostava de gente. Tehmina conseguia falar sobre seus sentimentos e seus receios com a amiga pelo fato de Eva também pertencer a um grupo de minorias como ela.

A amiga mostra para Tehmina a diferença entre judeus e americanos. Em conversa, Eva desabafa: “É sua nora, não tenho nada contra ela, mas ela não é judia, é uma góí. Esse pessoal branco, eles são bons para fazer os ônibus andarem

no horário. No mais, em qualquer coisa que envolva um coração batendo, pode esquecer” (UMRIGAR, 2008, p. 40).

Tehmina realmente sentia-se à vontade ao lado de Eva. Era capaz de dizer aquilo que ela queria, nada precisava ser omitido. Isso é demonstrado quando Tehmina pede a Eva para não chamá-la de Tammy: “- Não, não. Não é isso. Eu queria pedir... será que você pode me chamar de Tehmina, em vez de Tammy? Afinal, esse é o meu nome verdadeiro” (UMRIGAR, 2008, p. 40).

Para Tehmina, ser chamada de Tammy era como se nada mais lhe sobrasse da Índia. O seu nome ajudava-a a não perder sua identidade indiana, por isso queria ser chamada por ele.

Eva e Tehmina eram diferentes física e culturalmente, porém semelhantes em sua condição de residentes nos Estados Unidos. Ambas viviam em uma cultura diferente de suas raízes.

Entre as personagens femininas, encontra-se também a vizinha Tara. A mulher, que tem dois filhos, Josh e Jerome, demonstra ser uma mãe ausente, pois não tem cuidado com os filhos, com a casa e com ela própria: “A janela do carro estava aberta e, do lugar em que se encontravam, Tehmina e Susan puderam ver as manchas vermelhas em sua pele e o cabelo castanho, despenteado como sempre” (UMRIGAR, 2008, p. 15). Ela trabalha fora, deixando as crianças sozinhas em casa e, muitas vezes, sem comida. Com dificuldades financeiras, a mulher maltrata os filhos, descontando neles suas frustrações. Ao saber da condição em que as crianças viviam, Tehmina as ajuda, cuida dos seus ferimentos e as alimenta, conseguindo até colocar Tara na prisão, por abandono de menores. Sua atitude em relação às crianças e, em especial, a denúncia contra a mãe das crianças distancia Tehmina de sua nora, de sua família, que tem valores diversos dos seus.

Tehmina começa a escrever sua própria história no momento em que os jornalistas chegam à casa de Sorab, na manhã de Natal, para entrevistá-la. Ela está recebendo o jornalista Luke Johnson, o primeiro a escrever sobre o caso das crianças vizinhas. Sorab interrompe a conversa e propõe ligar para Percy, que é advogado. Tehmina tem uma nova postura diante do filho:

Pela primeira vez em um ano, ela teve a sensação de que a ordem natural das coisas fora restabelecida. Ela voltara a ser mãe, e Sorab, o filho.

-Vá em frente, ligue para o Percy. Ele pode nos orientar sobre o que fazer quanto ao resto deles, os que estão lá fora. Mas este rapaz aqui, com ele eu vou conversar. (UMRIGAR, 2008, p. 244)

Nesse momento Tehmina mostra sua posição em relação ao que realmente quer fazer. Esse é um dos exemplos de que Tehmina é sujeito de sua própria história. Ela é uma mulher de iniciativa e que mostra que sabe conduzir sua vida. O romance nos relata outro momento que comprova a força de decisão de Tehmina, quando Tara foi solta da cadeia e vai até a casa de Sorab para enfrentá-la. Em um primeiro momento, Tehmina sente-se receosa frente à mulher, porém mostra sua coragem, posicionando-se. Um vizinho, que estava passando em frente à casa, oferece ajuda, caso a mulher estivesse importunando Tehmina. Porém, ela responde ao vizinho: “- Não é nada que eu não possa resolver. Mesmo assim, obrigada pela sua ajuda, Sr. Henderson” (UMRIGAR, 2008, p. 270). Assim, ela resolveu a questão com Tara e mostrou firmeza e decisão em suas atitudes.

O romance vai relatando momentos em que se percebe a voz de Tehmina decidindo o que quer. Um exemplo é quando ela convida sua amiga Eva e o marido para a festa, na véspera de Ano Novo. Sorab e Susan ficam perplexos com a atitude da mãe. E ela ainda demonstra a intenção de convidar Luke, o jornalista que a entrevistou para a matéria com as crianças. Tehmina diz ao filho: “– Olhe Deekra,

espero que esteja tudo bem, mas convidei uns amigos para a festa de hoje” (UMRIGAR, 2008, p. 279).

A nova postura assumida por Tehmina fica em evidência quando ela confessa para Eva: “- Ainda não falei com eles. Quer dizer, se vou pensar em morar aqui para sempre, Eva, tenho que tomar minhas próprias decisões, não é? Afinal, eles já têm um filho. Não precisam me tratar como mais uma criança” (UMRIGAR, 2008, p. 291).

Tehmina se recorda de todo o seu passado e reconhece que a decisão de ficar nos Estados Unidos foi tomada no momento em que pulou a cerca para salvar as crianças. “Havia aterrissado neste continente. A cerca tinha sido a linha divisória entre o passado e o futuro, entre a Índia e os Estados Unidos” (UMRIGAR, 2008, p. 299).

Finalmente, ela acaba tomando uma decisão vital:

Ela ficaria. Mas com suas próprias condições. E a principal era que precisaria ter seu próprio apartamento. Não havia razão para os meninos venderem essa casa e comprarem outra maior. Sim, ela insistiria nisso – em ter seu próprio canto. Desse modo, poderia ter sua independência e as crianças teriam sua privacidade. Ela nunca havia morado sozinha um único dia na vida – saíra de casa do pai para morar no apartamento com Rustom – mas, de algum modo, a idéia não a intimidava (UMRIGAR, 2008, p. 299).

Embora Sorab seja filho de Tehmina, o casamento dele com Susan e sua imersão na cultura norte-americana modificaram-no por completo e isso se refletiu também na maneira como ele e Susan criam o filho Cookie. Desse modo, há uma cisão irrecuperável entre Sorab e a família dele e, de outro lado, Tehmina e os princípios indianos.

Grace Butler é a mulher que substitui o chefe de Sorab, chamado Malcolm Duvall, na empresa Canfield & Associates, onde Sorab é um dos vice-presidentes. Grace é um tipo de chefe que gosta de mudanças e pretende realizá-las em vários setores da empresa. Sorab não a vê com bons olhos. Segundo Sorab, ela tinha a mania de usar expressões clichês e também de criar palavras como “fabulástico” e “esplendossônico”. Para ele, ela não sabia conduzir o trabalho e apresentava procedimentos incoerentes. Sorab se questiona: “Como é que Malcolm podia ter escolhido como sucessora essa loura fria como pedra e cheia de caprichos, com suas saias curtas demais?” (UMRIGAR, 2008, p. 54). As férias dos funcionários eram agendadas sempre com um ano de antecedência, mas, quando Grace, em reunião, comenta que Sorab não poderá tirar as férias costumeiras, na semana depois do Ano Novo, ele se sente constrangido em reclamar. Grace diz, em reunião:

‘Mas isso é impossível!’, exclamara, num arquejo. ‘Ora, meu deus, essa é uma das semanas mais importantes. De jeito nenhum um alto executivo pode se ausentar. Além do mais, eu mesma estou planejando tirar uns dias na época das festas’ (UMRIGAR, 2008, p. 53).

Tal observação indica que nem ela mesma sabe a posição em que se encontra. Como ela mesma disse, um alto executivo não pode se ausentar. Em conversa no escritório de Grace, após uma reunião, ela afirma que esse tipo de acontecimento a levava a pensar que Sorab não estava preparado para assumir um cargo superior. Sorab fica arrasado e pensa que jamais recebera antes esse tipo de crítica. Grace levanta-se para fechar a mala e sair da sala dizendo que estava atrasada para ir à orquestra com Bryan, o namorado, e ainda mencionou o nome de Gerry para ocupar o cargo a que Sorab aspirava. Sorab ficou se questionando sobre as características de Gerry: “Gerry? Gerry Frazier? Será que ele ouvira direito? Aquele novo sujeitinho convencido, arrogante, boçal, fofoqueiro e puxa-saco, de

olhos vazios como o céu cinzento? Gerry parecia um Dan Quayle bronzeado e musculoso” (UMRIGAR, 2008, p. 57).

Ante as severas críticas recebidas de uma mulher, o indiano Sorab deixa sua raiva extrapolar e se recorda dos seus antigos chefes:

Mas a verdade era que, em toda a sua carreira profissional, ninguém jamais lhe dissera que ele não estava apto a assumir um cargo. Todos os seus superiores o tinham visto como o menino-maravilha, o homem certo para solucionar problemas (UMRIGAR, 2008, p. 56).

Em entrevista, Umrigar confessa que Grace Butler foi inspirada em muitas pessoas com as quais ela como jornalista havia convivido. Segundo a autora, pessoas com pouco conteúdo acabam chegando ao sucesso.

Após desaprovar o comportamento de Grace como chefe, Joe promove Sorab e a dispensa. Na festa de véspera do Ano Novo promovida por Sorab, Joe avisa antecipadamente para Tehmina sobre a promoção do filho. Sobre Grace ele diz: “A Grace é uma sobrevivente. Essas pessoas sempre caem de pé. E ela causa uma ótima primeira impressão, pode acreditar. Eu bem sei, para meu eterno desconsolo” (UMRIGAR, 2008, p. 295). Essa definição delineia o perfil de Grace. Ela faz parte do grupo de pessoas que cresce e cai com a mesma velocidade. Elas estão sempre em altos e baixos momentos, sempre tentando se sair bem, agindo de acordo com as circunstâncias.

Atualmente, o amplo e constante processo migratório experimentado pela sociedade moderna é determinante para que as relações interculturais ocorram e seus agentes experimentem, de maneira cada vez mais intensa, a convivência com novos valores e costumes que transformarão suas próprias identidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de pesquisas sobre os Estudos Culturais e os conceitos de cultura, este trabalho teve como objetivo maior a problematização das questões referentes à identidade. Tais questões se constituem no cerne desta pesquisa, que buscou discuti-las no romance *A doçura do mundo*, de Thrity Umrigar. As personagens que compõem a obra vivenciam plenamente os dilemas identitários, pois são elementos representativos de duas culturas de valores díspares: a Índia e os Estados Unidos.

No romance, os conflitos gerados pelas diferenças culturais entre esses dois mundos, o Oriente e o Ocidente, levaram à análise dos vários componentes formadores dessas culturas, como a língua, a religião, a alimentação e a vestimenta. Como suporte teórico para as discussões aqui estabelecidas, foram utilizados os textos de estudiosos contemporâneos que discutem sobre cultura, identidade e diáspora, como Stuart Hall, Zygmunt Bauman, Edward W. Said, Maria Elisa Cevalco, Kathryn Woodward e Antony Giddens.

A personagem Tehmina, que é indiana, vivencia o fenômeno da diáspora depois de ficar viúva. Seu único filho vivia nos Estados Unidos e Tehmina, depois de ir ao seu encontro, decide continuar no país para ficar perto de seu filho, sua nora e seu neto. Entretanto, ela faz questão de morar em sua própria casa, sem mais precisar morar na casa do filho, onde tinha de seguir as regras dele e de Susan.

O período de transição dá-se permeado por conflitos pautados nas diferenças culturais. É o choque cultural, vivenciado não somente pela protagonista, mas também pelas outras personagens formadoras do mesmo clã, que determina as diretrizes do enredo: uma mulher ante a decisão vital entre viver em sua terra natal, a Índia, ou conviver com aqueles a quem ama, em especial seu filho Sorab, numa terra estrangeira.

Pode-se perceber, a partir da figura de Tehmina, como uma mulher com valores orientais e que passa a viver em um mundo ocidental é capaz de se transformar para se adaptar a um novo espaço. Tehmina mostra a possibilidade de superação quando está em jogo o amor pela família. São inúmeros os papéis que uma mulher representa durante sua vida e, a cada obstáculo encontrado pelo caminho, ela se adapta, buscando, assim, superá-los. Tehmina representa todas as mulheres, independentemente de sua origem, condição social ou crença. Para elas a dor transforma-se em arma para enfrentar as circunstâncias que a vida lhes propõe.

Os espaços geográficos onde circulam as personagens são de crucial importância na análise do romance, visto que determinam as ações desenvolvidas, pois a transposição de fronteiras vai instigar as crises pessoais e posteriores adaptações e mudanças identitárias.

Tehmina experimenta um sentimento de estranheza morando na casa do filho, que já está adaptado plenamente ao estilo de vida americano. Essa adaptação foi facilitada pelo fato de Sorab ser casado com uma americana e ter um filho nascido nos Estados Unidos. As mudanças de valores e hábitos sofridas por Sorab são questionadas por Tehmina em vários momentos do romance, como naquele em que ela interfere na vida da vizinha, Tara, para ajudar as crianças maltratadas pela mãe. Sorab não se sente confortável diante da exposição de sua família na mídia e tenta interferir na conduta da mãe. Muitas vezes, são nesses momentos triviais que vêm à tona as diferenças entre mãe e filho, aumentando a distância entre a personagem e seus familiares. Por consequência, amplia-se também a distância entre o Oriente e o Ocidente.

Tehmina faz amizade com Eva, uma judia que também não pertence a grande maioria do grupo no qual está inserida. Eva traz uma bagagem cultural diferenciada, porém aprende a moldar sua postura à maneira americana de ser. Ela reconhece as diferenças que a cercam e isso a torna capaz de conviver de forma harmônica com elas. Mesmo lidando de maneiras diferentes com as questões de identidade, as duas mulheres, Tehmina e Eva, experimentam a sensação de ser estrangeiras no lugar onde moram e essa experiência as une e iguala.

Ao longo do romance, Tehmina procura se encontrar como mulher, mãe e cidadã; ela observa ao seu redor, lembra-se do passado, questiona-se, até que por fim ela assume uma nova identidade. Seu jeito de ser, seus hábitos e sua identidade moldam-se ao novo espaço social e cultural. As mudanças sofridas pela protagonista remetem às transformações apresentadas pelas outras personagens, que também precisam se adaptar ao diferente, ao desconhecido. Do encontro entre representantes de dois mundos, surgem novos indivíduos, que compartilham novas experiências. Constatam-se, assim, as mudanças, a aceitação do outro e, com o transcorrer do tempo, as identidades culturais vão se entrelaçando, transformando-se e formando outros seres.

Sorab, que veio jovem para os Estados Unidos, sofreu as transformações provocadas pelo novo ambiente de forma mais amena. Ele era muito jovem, almejava por mudanças e formou uma família com representantes de outra cultura. Quando se é jovem, as mudanças vão se incorporando com mais facilidade e tornam-se identidades concebidas. Em um mundo altamente tecnológico, onde as informações estão cada vez mais acessíveis, os jovens estão em constante processo de adaptação.

A nora de Tehmina não experimenta a mudança de lugar, mas tem que lidar com as diferenças culturais devido ao convívio com o marido e, posteriormente, com a sogra. Os hábitos de Tehmina vão de encontro aos costumes de Susan, que representa a típica americana e, como mãe, educa se filho Cookie da mesma maneira como fora educada. Entretanto, Cookie está em processo de formação e por isso está sendo permanentemente influenciado pelo ambiente em que vive e pelas pessoas que se relacionam com ele, sobretudo os pais e a avó. Assim como a nora relaciona-se com outra cultura, atualmente os inúmeros meios de comunicação propiciam às pessoas um maior acesso a culturas diversas. A busca por conhecimento e as relações que se estabelecem a partir desses contatos, propiciando mudanças significativas na sociedade contemporânea.

O grupo familiar no qual Tehmina está inserida é representativo das mudanças de identidade. O convívio com culturas e identidades diversas resulta em um novo ser, diferente daquele que fora no passado, quando era casada com Rustom e ainda vivia na Índia.

A chefe do Sorab, Grace Butler, representa a figura da nova mulher, que desponta no cenário social americano. Ocupando um cargo superior dentro da empresa em que trabalha, ela detém o poder junto aos seus subordinados do sexo masculino. No romance, a personagem, que se divide entre seus vários papéis sociais: mulher, dona de casa e trabalhadora, é referência para se discutir a sobrecarga de trabalho a que está exposta a mulher ocidental nos tempos modernos. Essa personagem exemplifica aquelas pessoas que estão ansiosas por mais conhecimento, que buscam a informação e acabam sendo moldadas pelo ambiente. Elas são o que o ambiente determina; são pessoas que se transformam para se assegurarem no meio em que se inserem.

As teorias sobre representações do feminino apresentadas conferem a este trabalho seu caráter acadêmico, à medida em que dão sustentação à análise de gênero desenvolvida, situando a mulher na sociedade contemporânea e orientando a análise dos papéis por ela desempenhados. Contribuíram para essas reflexões os estudos sobre o feminino das autoras Elaine Showalter, Susana Borneo Funk, Teresa de Lauretis e Jane Flax.

Em seu romance, *A doçura do mundo*, Thrity Umrigar resgata os valores e hábitos de duas culturas díspares que coabitam e se mesclam no mundo ficcional construído pela escritora. Num texto envolvente, permeado pelo colorido emprestado dos elementos culturais de dois povos, o enredo gira em torno da migração e das dificuldades de adaptação daquele que parte de sua terra natal em busca de uma vida melhor. Cada ente da família de Tehmina e também aqueles que com ela convivem esbarram em obstáculos que precisam ser superados para que ocorra a adaptação de todos. Tehmina, Rustom e Sorab reagem de formas diferentes às várias situações que experimentam como imigrantes e têm ideias preconcebidas, em menor ou maior proporção, acerca do desconhecido.

No caso de Tehmina, ela teme a não adaptação em razão das grandes diferenças culturais existentes. A princípio, ela mantém uma postura inflexível em relação ao comportamento e valores americanos e, por vezes, o julgamento que faz confirma a ausência de esforço da parte dela para se adaptar no início. E esse julgamento surge da certeza que ela tem daquilo que considera certo ou errado. Além disso, ela tem que lidar com o sentimento da solidão, vivendo longe de sua casa, de sua terra, de tudo aquilo que dava a ela uma ideia de segurança. No momento em que ela aceita sua condição de visitante e as limitações inerentes a

essa condição, os conflitos que a atormentavam vão se diluindo. Ao final, ela faz uma opção pela família, pela independência e por uma nova identidade.

Todos os membros da família de Tehmina vivem uma espécie de mistura cultural e lutam com a aceitação das diferenças. Para conviver, é preciso ceder, dar chances ao outro e experimentar o desconhecido para que a convivência harmônica entre as diferenças se estabeleça.

A figura de Rustom, personagem idealizada dentro do enredo, e que vive apenas na memória daqueles que o amavam, pode ser analisada como ícone da possibilidade de conciliação entre os dois mundos: Oriente X Ocidente. Ele representa essa possibilidade de superação das diferenças respaldada no amor e serve de exemplo aos seus familiares, em especial, para Tehmina, que, ao final da narrativa, descobre sua força para tomar suas próprias decisões, sentindo-se então capaz de escrever, a partir daquele momento, a história de sua vida.

## REFERÊNCIAS

ALMANAQUE ABRIL. *Jainismo*. Abril, 2014a.

\_\_\_\_\_. *Sikismo*. Abril, 2014b.

APOLOGÉTICO, Ministério. *Zoroastrismo*. Disponível em: [www.cacp.org.br/zoroastrismo](http://www.cacp.org.br/zoroastrismo). Acesso em: 08 jun. 2014.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Identidade: Entrevista a Bebnedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2014.

BONNICCI, T. *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2011.

BRASIL ESCOLA. *Brics*. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/bric.htm>>. Acesso em: 28 set. 2014.

BRASIL GLOBAL NET. *Religião. Como exportar. Índia / Ministério das relações exteriores – Brasília: o ministério, 2012*. Disponível em: <<http://www.brasilglobalnet.gov.br/ARQUIVOS/Publicacoes/ComoExportar/CEXIndia.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2014.

CARRIÈRE, J.C. *Índia: crenças, costumes e a sabedoria de uma das civilizações mais antigas do mundo*. Trad. Claudia Fares. São Paulo: Ediouro, 2009.

CESO DEVELOPMENT CONSULTANT *Estudo sobre o mercado de Delhi Mumbai Goa*. Disponível em: <[http://www.ceso.pt/upload/pdf/content\\_intelligence/JqctZgkr/CESO\\_EstudoIndia14Marco.pdf](http://www.ceso.pt/upload/pdf/content_intelligence/JqctZgkr/CESO_EstudoIndia14Marco.pdf)>. Acesso em: 12 jul. 2014.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.

\_\_\_\_\_. Literatura e Estudos Culturais. In: BONNICCI, Thomas. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2011. p. 319-325.

CHANDA, T. Lemonde Diplomatique Brasil. In: *A redescoberta da literatura indiana*. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=15>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. São Paulo: Ática, 1987.

EVANS, C. *A história das roupas indianas*. Trad. Rita Pacheco. Disponível em: <[http://www.ehow.com.br/historia-roupas-indianas-sobre\\_4738/](http://www.ehow.com.br/historia-roupas-indianas-sobre_4738/)>. Acesso em: 07 abr. 2014.

FC NOTÍCIAS. *Índia Resumo: história, cultura, religião, dinheiro*. Disponível em: <<http://www.fcnoticias.com.br/india-resumo-historia-cultura-religiao-dinheiro/>>. Acesso em: 23 jun. 2013.

FLAX, J. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 217-250.

FUNCK, S.B. Da questão da mulher à questão do gênero. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Trocando idéia sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: UFSC, 1994. p. 17- 22.

GHEERBRANT, A.; CHEVALIER, J. *Dicionário de símbolos*. José Olympio, 2009.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Trad. Plineo Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss Conciso*. São Paulo: Moderna, 2011.

INDIABRAZIL CHAMBER OF COMMERCE. *Índia Conteúdo*. Disponível em: <<http://www.indiabrazilchamber.org/?p=92>>. Acesso em: 10 mai. 2013.

JAGUARIBE, Helio. *Um estudo crítico da História II*. Trad. Sergio Bath. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KHILNANI, S. *The Idea of India: a rich analysis of contemporary India and its evolution since independence*. United States of America: Farrar, Straus and Giroux, 1999.

KRISTEVA, J. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*. Trad. Paulo Menezes. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa B. (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-241.

LOBATO, J. A. *A Índia que eu vi*. Aventuras e histórias numa das mais antigas culturas do mundo. Belo Horizonte: Leitura, 2009.

LOPES, L. C. *Globalização: argumentos e problemas*. Disponível em: [www.lainsgnia.org/2006/junio/soc\\_002.htm](http://www.lainsgnia.org/2006/junio/soc_002.htm) Acesso em: 05 set. 2014.

MORASHA. *História: Judeus na América*. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/conteudo/ed32/judeus3.htm>. Acesso em: 05 mai. 2014.

MUNDO EDUCAÇÃO. *Biografias Zaratustra ou Zoroastro*. Disponível em: [www.educacao.uol.com.br/biografias/zaratustra-ou-zoroastro.jhtm](http://www.educacao.uol.com.br/biografias/zaratustra-ou-zoroastro.jhtm). Acesso em: 09 jun. 2014.

NASSIF, L. *O direito das mulheres indianas*. Disponível em: <http://advivo.com.br/node/929436>. Acesso em: 14 jun. 2012.

NELSON, C.; TREICHLER, P.; GROSSBERG, L. Estudos culturais uma introdução. In: SILVA, T.T. (Org.) *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis Vozes, 1995.

O GLOBO. *Bollywood lança primeiros filmes de Zumbi para conquistar jovens*. Publicado em: 05 abr. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/bollywood-lanca-primeiros-filmes-de-zumbi-para-conquistar-jovens-8036767>. Acesso em: 14 jun. 2014.

ONU Mulheres. *Entidade das Nações Unidas para a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres*. 2012. Disponível em: <http://www.onu.org.br/onu-no-brasil/onu-mulheres/>. Acesso em: 05 mai. 2013.

ONU Mulheres. *Anúncio da diretora executiva da ONU mulheres*. Disponível em: [http://www.onumulheres.org.br/?page\\_id=1108](http://www.onumulheres.org.br/?page_id=1108). Acesso em: 14 jun. 2014.

PCO. *Mulheres on line: 40 anos da legalização do aborto*. Disponível em: <http://www.pco.org.br/conoticias/mulheres/40-anos-da-legalizacao-do-aborto-nos-eua/epse,o.html>. Acesso em: 27 set. 2014

RANK, J. *Countries and their Cultures*. Disponível em: <<http://www.everyculture.com/To-Z/United-States-of-America.html>>. Acesso em: 05 mai. 2013.

REUTERS BRASIL. Bollywood lança primeiro filmes de zumbi para conquistar jovens. Disponível em: <<http://br.reuters.com/article/idBRSPE93404I20130405?pageNumber=2&virtualBrandChannel=0>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

REVISTAS ELETRÔNICAS. Uma introdução aos estudos culturais. *Revista Comunicação e Leitura Famecos*, Porto Alegre, n. 09, dez. 1998, semestral. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3014/2292>> Acesso em: 25 jul. 2014.

RICHARD, N. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

SAID, E.W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SCHAEFER, Richard T. *Sociologia*. Trad. Eliane Kanner e Maria Helena Ramos Bononi. 6.ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu. Org. *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos Culturais*, Petrópolis: vozes, 2000.

SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, H.B. (Org.). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.23-57.

SUPER ABRIL. *Escrituras sagradas do hinduísmo*. Disponível em: <[super.abril.com.br/religião/mahabharata-442662.shtml](http://super.abril.com.br/religião/mahabharata-442662.shtml)>. Acesso em: 15 jun. 2014.

UMRIGAR, T. *Um lugar para todos*. Trad. Paulo Andrade Lemos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

\_\_\_\_\_. *A primeira luz da manhã*. Trad. Paulo Andrade Lemos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

\_\_\_\_\_. *A distância entre nós*. Trad. Paulo Andrade Lemos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

\_\_\_\_\_. *A doçura do mundo: o melhor lugar do mundo é um só: perto daqueles que amamos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

\_\_\_\_\_. *O tamanho do céu*. Trad. Paulo Andrade Lemos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

\_\_\_\_\_. *A redescoberta do mundo*. Trad. Paulo Andrade Lemos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

YOGABRASIL. *Costumes indianos*. Disponível em: [www.yogabrasil-org/cultura-indiana/costume-da-india-314-mais-do-que-moda-as-vestimentas-indianas-carregam-significados-e-estilos-variados](http://www.yogabrasil-org/cultura-indiana/costume-da-india-314-mais-do-que-moda-as-vestimentas-indianas-carregam-significados-e-estilos-variados). Acesso em: 07 abr. 2014.

WOODWARD, Kathryn, *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: *Identidade e diferença*. Petrópolis, Vozes, 2000. p.07-72.

ZAKARIA, F. *O mundo pós-americano*. Trad. Pedro Maia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

## ANEXOS

### Anexo A – Entrevista com Thrity Umrigar

Transcrição da entrevista por e-mail com a escritora, feita pelo jornalista Ubiratan Brasil do jornal *O Diário* sobre o livro *A doçura do mundo*.

A imigração, segundo Thrity Umrigar

Ubiratan Brasil – AE

Agência Estado/O Diário - **Como uma imigrante cujos primeiros livros se passam na Índia, como você pode ter certeza de que reproduz em detalhes a vida indiana contemporânea?**

Thrity Umrigar - Bem, ainda visito freqüentemente minha família, que vive na Índia. Na verdade, estou aqui agora. Então, isso ajuda. Além disso, a Índia não mudou tanto como você pensaria se lesse apenas as manchetes de jornais. Não escrevo muito sobre a cultura pop contemporânea como os filmes ou músicas recentes. Escrevo sobre coisas atemporais - a cor do céu de Bombaim ou do Mar Arábico, a vida cotidiana das pessoas, a condição das ruas, o calor, as multidões. E essas coisas não têm mudado muito.

**Foi difícil explorar como a imigração afeta as noções de identidade, família, casa e como essas definições mudaram com o tempo?**

Na verdade não. Como imigrante, dediquei os últimos 25 anos a pensar sobre esses temas. Além disso, a literatura que leio muitas vezes lida com temas como identidade, que me interessam bastante.

**Grace Butler foi inspirada em alguém em especial? Foi difícil criar uma personagem que está no limite da caricatura?**

Não em uma pessoa. Mas, em meus muitos anos como jornalista em diversas redações, percebi como as pessoas que têm mais estilo que substância quase sempre chegam ao topo. Então quis escrever sobre isso, me divertir com isso. E eu decidi criar um personagem exagerado, alguém, como você diz, que esbarra na

caricatura. A idéia original surgiu sob o signo da sátira - um comentário sobre uma sociedade que recompensa esse comportamento.

**A imigração costuma ser vista como um problema a ser resolvido. Foi difícil lidar com um tema como esses?**

O livro é uma resposta a essa crença. Há muitos comentários pejorativos com relação à imigração nos Estados Unidos de hoje. E eu quis mostrar que imigrantes são pessoas reais, que fizeram escolhas muito difíceis, muitas vezes motivados por questões sobre as quais tinham pouco ou nenhum controle. Queria humanizar essa discussão, tirá-lo do domínio das manchetes de jornal e das salas de poder e levá-lo às casas das pessoas comuns.

**Leitores já disseram que Tehmina se parece com uma Mary Poppins persa. O que pensa dessa interpretação?**

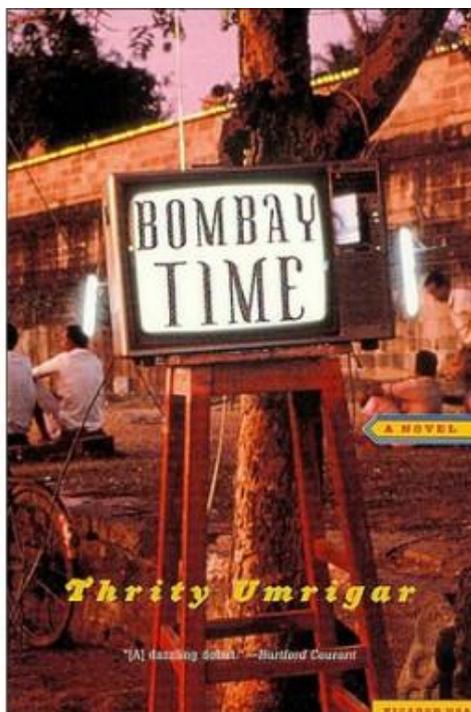
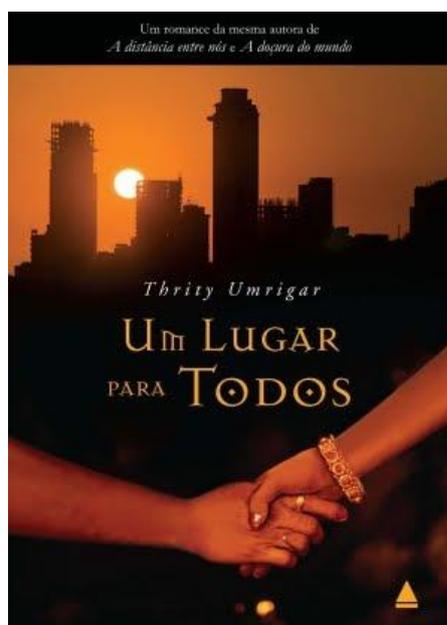
Bom, um leitor afirmou isso. E imagino que o comentário não foi pensado como um elogio. Mas eu vi Tehmina em um contexto diferente - o contexto de uma antiga crença persa segundo a qual é sua obrigação "adoçar" a vida daqueles à sua volta, especialmente se é um forasteiro em uma nova terra. Então, sim, Tehmina acaba abrilhantando a vida das pessoas que conhece. Acho que estamos tão acostumados à idéia de que a literatura deve ser sombria - e Deus sabe que fui acusada muitas vezes de escrever histórias tristes - que às vezes esquecemos que boas qualidades também precisam ser celebradas, tanto na vida real quanto na arte.

<http://www.odiariorio.com/odiariorio/noticia/169249>

09/02/2008

---

## Anexo B – Capas das edições dos romances de Thrity Umrigar

Figura 1 - *Bombay Time*Fonte: [http://www.umrigar.com/bombay\\_time.html](http://www.umrigar.com/bombay_time.html)Figura 2 - *Um lugar para todos*Fonte: <http://www.livronochadascinco.com.br/2010/06/um-lugar-para-todos-thrity-umrigar.html>

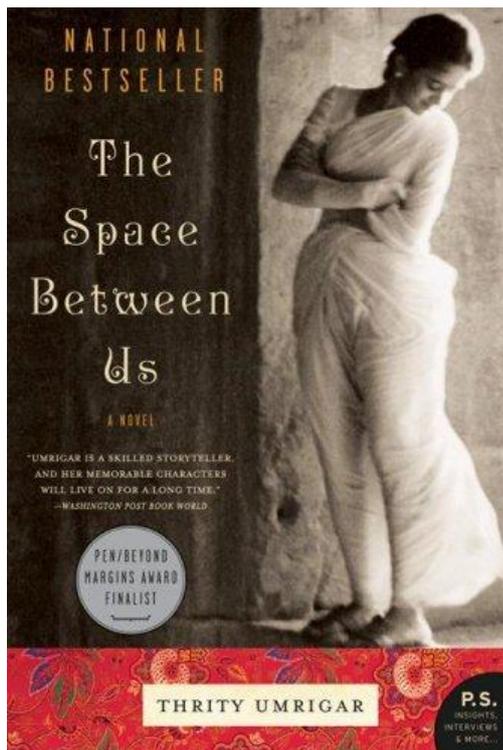


Figura 3 - *The Space Between Us*  
 Fonte: [http://www.umrigar.com/space\\_between.html](http://www.umrigar.com/space_between.html)

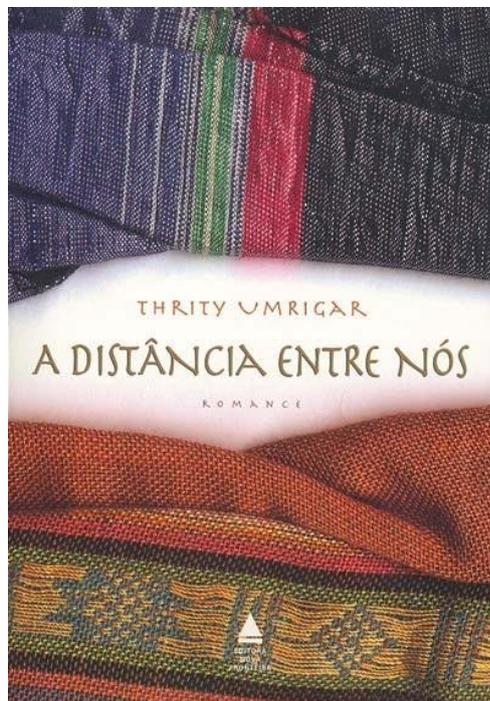


Figura 4 - *A distância entre nós*  
 Fonte: <http://papeldeumlivro.blogspot.com.br/2012/01/resenha-distancia-entre-nos-thrity.html>

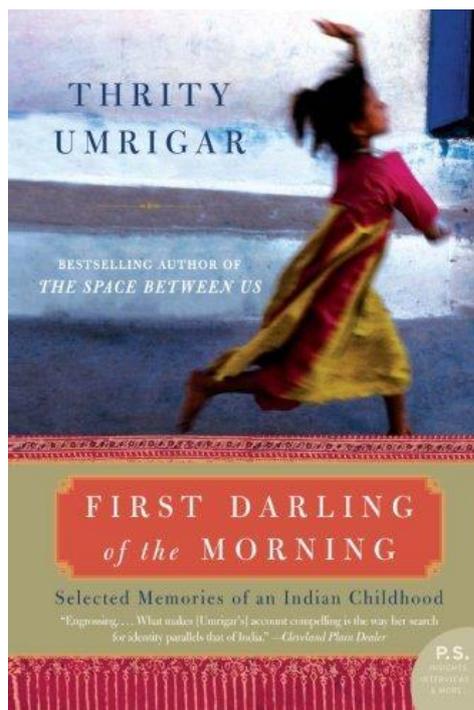


Figura 5 - *First Darling of the morning*  
 Fonte: [http://www.umrigar.com/first\\_darling.html](http://www.umrigar.com/first_darling.html)

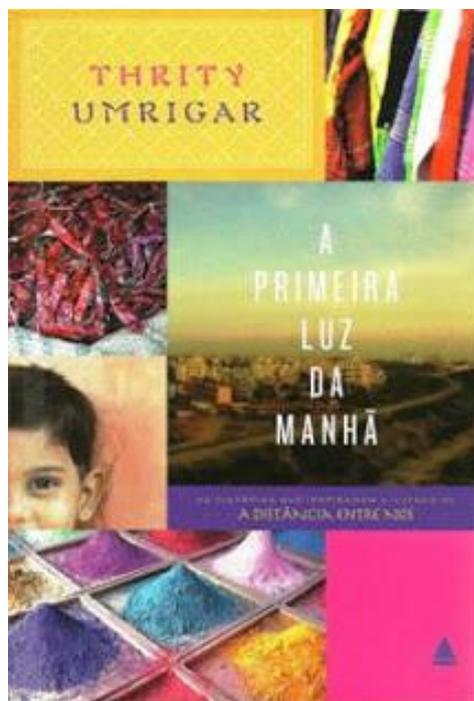


Figura 6 - *A primeira luz da manhã*  
 Fonte: <http://livraria.folha.com.br/livros/amor-e-relacionamentos/primeira-luz-manha-thrity-umrigar-1144165.html>

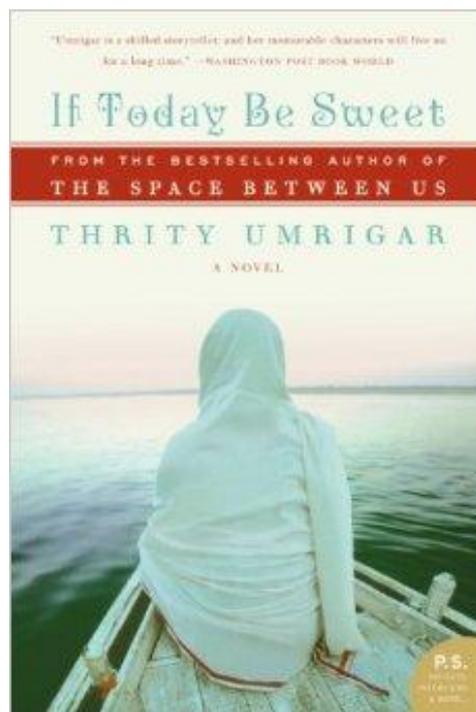


Figura 7 - *If Today be Sweet*

Fonte: <http://www.umrigar.com/if-today-be-sweet.html>



Figura 8 - *A doçura do mundo*

Fonte: <http://www.fnac.com.br/a-docura-do-mundo/p/17645>

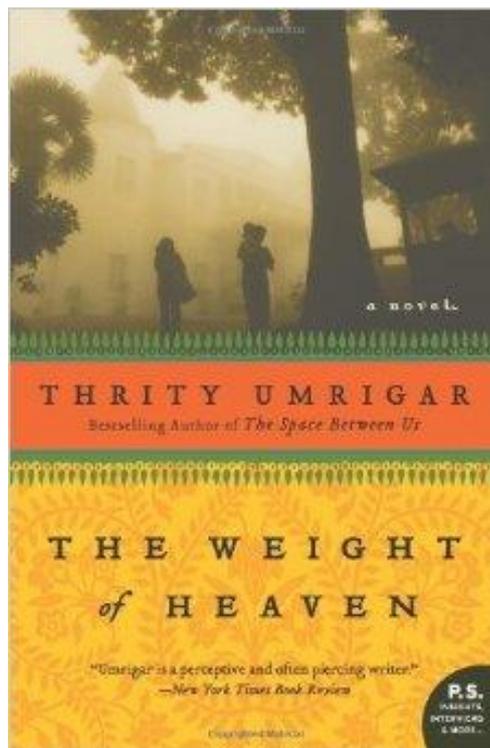


Figura 9 - *The weight of Heaven*

Fonte: [http://www.umrigar.com/the\\_weight\\_of\\_heaven.html](http://www.umrigar.com/the_weight_of_heaven.html)

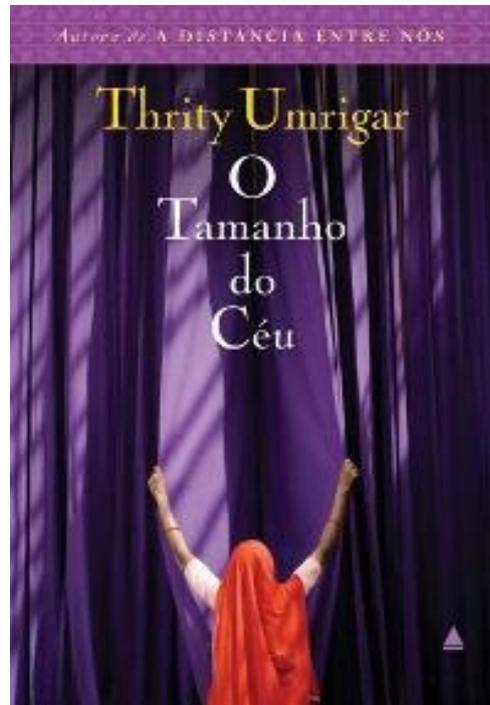


Figura 10 - *O tamanho do Céu*

Fonte: [http://lereamar.blogspot.com.br/2012\\_04\\_01\\_archive.html](http://lereamar.blogspot.com.br/2012_04_01_archive.html)

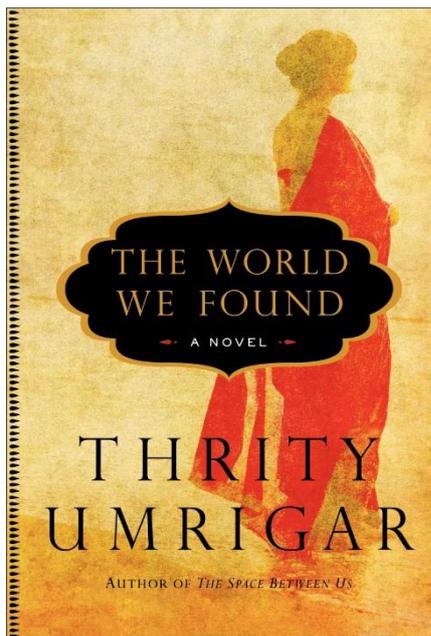


Figura 11 - *The World we Found*  
 Fonte: [http://www.umrigar.com/the\\_world\\_we\\_found.html](http://www.umrigar.com/the_world_we_found.html)



Figura 12 - *A redescoberta do mundo*  
 Fonte: <http://livrosilimitados.com/a-redescoberta-do-mundo.html>